

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA BILÍNGUE

MARIA CRISTINA EMERIQUE DA SILVA

SUJEITOS DA EJA:
OS DESAFIOS E AS RAZÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025



INSTITUTO FEDERAL

Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia-Go, 25/04/25.

Local

Data

Maria Cristina Emerique da Silva

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA CRISTINA EMERIQUE DA SILVA

SUJEITOS DA EJA:

OS DESAFIOS E AS RAZÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada(o) em Pedagogia Bilíngue.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Keith Braga.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Maria Cristina Emerique da
Sujeitos da EJA: os desafios e as razões para voltar a estudar / Maria
Cristina Emerique da Silva. - Aparecida de Goiânia, 2025.
60 f.

Orientadora: Dra. Keith Daiani da Silva Braga.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2025.

1. Sujeitos da EJA. 2. Razões para estudar. 3. Desafios para voltar à
escola. I. Título.

CDD 374.981

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada **SUJEITOS DA EJA: OS DESAFIOS E AS RAZÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR**, sob orientação de Keith Daiani da Silva Braga, apresentada pela aluna **Maria Cristina Emerique da Silva (20211090080278)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **19:00** do dia **27/03/2025** pela Professora presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Keith Daiani da Silva Braga** (Presidente)
- **Ruskaia Fernandes Mendonca** (Examinadora Interna)
- **Wellington Cardoso de Oliveira** (Examinador Interno)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota :

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Keith Daiani da Silva Braga** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Keith Daiani da Silva Braga** (369.302.808-79), em **03/04/2025 10:36:17** com chave **9ebf0604109011f08bbe005056a537a4**.
- **Ruskaia Fernandes Mendonca** (035.618.571-08), em **03/04/2025 11:06:21** com chave **d1e0566a109411f0a98f005056a537a4**.
- **Wellington Cardoso de Oliveira** (855.115.951-87), em **03/04/2025 11:27:14** com chave **bcd3666a109711f0b246005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 18/04/2025

Código de Autenticação: 29a776



Dedico esta conquista ao meu pai (in memoria) que sempre me incentivou a lutar por meus sonhos, e a minha mãe que foi meu apoio em todos esses anos, ao meu esposo e filhas que sempre estiveram ao meu lado.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido no caminho certo durante a construção desse trabalho, me mantendo com saúde e forças para chegar até o final. A minha mãe Judite por me apoiar em toda minha caminhada e meu pai Binário (in memoriam) que sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos, meu pai que me deixou logo no início do curso, mas quando comecei o curso ele me disse “Vá fazer! Se esse é seu sonho então faz”. Essas palavras me ajudaram muito a prosseguir. Ao meu esposo Israel pela paciência e apoio e às minhas filhas Crystiellen e Israyla por entenderem os momentos aos quais não pude estar presente na vida delas por estar dedicando meu tempo a construção desse trabalho. Meu agradecimento aos meus familiares.

Agradeço imensamente à minha querida Orientadora Profa. Dra. Keith Braga que conduziu esse trabalho com muita paciência e dedicação, sempre disposta a compartilhar seu conhecimento comigo. Agradeço por aceitar me orientar nesta monografia, as suas valiosas indicações fizeram toda a diferença, na construção desse trabalho. Sempre falei às minhas amigas que foi Deus que colocou você no meu caminho para conduzir a construção desse trabalho. Só tenho que agradecer à Ele pela sua vida.

Expresso a minha gratidão aos professores do curso de Pedagogia Bilíngue que me forneceram em todas as bases necessárias para a realização deste trabalho, em especial agradeço à professora Ma. Ruskaia pelo incentivo e por sempre acreditar em mim desde quando falei sobre o tema que queria fazer o TCC, ela sempre me incentivou. À professora Dra. Alciane pelo carinho a quem tenho muito apreço. Aos professores Me. Diego Leonardo e Me. Thiago que sempre tiveram muita paciência comigo o que fez muita diferença em minha vida no decorrer dessa caminhada. Também aos professores Dr. Wellington e Dr. João Ferreira por tantos conhecimentos compartilhados nos últimos dias de curso, são professores que aprendi amar ao longo da minha jornada. Só tenho gratidão por cada um e cada uma de vocês que contribuiu para que meus dias aqui, no curso de Pedagogia Bilíngue, fossem melhores.

Agradeço aos membros da banca, à Profa. Ma Ruskaia Fernandes Mendonça e ao Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira, por terem aceitado contribuir na construção desse trabalho e que certamente vieram para enriquecer ainda mais a versão final do meu TCC.

À coordenadora do curso, a Profa. Dra. Waléria Vaz por sua dedicação e sua alegria o que torna essa caminhada mais leve.

Agradeço de todo meu coração às minhas companheiras de jornada, em especial às minhas amigas Vitória, a Karla, Ivaina e Josefa, amigas que a faculdade me deu e que levarei

para a vida. Foi com vocês que compartilhei muitos momentos bons e ruins, mas também muitas risadas, choros, enfim tudo. E elas sempre estiveram ao meu lado me incentivando a prosseguir. Gratidão.

Enfim, não menos importante, mas necessária à minha caminhada agradeço aos demais colegas de turma que estiveram comigo nessa jornada, até mesmo os que não puderam chegar até o fim. Muito obrigada.

E a todos os colaboradores e às colaboradoras do Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia, só gratidão, por tornarem esse ambiente um lugar de qualidade, bonito e agradável, o meu muito obrigada!

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

(Paulo Freire)

RESUMO

O tema da pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue – Libras/Português é sobre os sujeitos da EJA, seus desafios e as razões para voltar a estudar. Os sujeitos da EJA são pessoas de diferentes idades (jovens, adultos e idosos), de diferentes regiões do Brasil, homens e mulheres, que tiveram seus estudos interrompidos e buscam ter seu direito de estudar reconhecido mesmo com muitas dificuldades e obstáculos encontrados no caminho. O objetivo do TCC foi compreender as razões que levam os sujeitos da EJA a voltarem para escola e os desafios enfrentados. Os objetivos específicos do estudo eram: a) entender os motivos que levam os alunos e alunas da EJA a voltarem a estudar; b) identificar os principais desafios enfrentados por alunos e alunas da EJA para continuarem na escola. A metodologia utilizada no estudo foi a bibliográfica, lemos textos, artigos e pesquisas sobre o assunto para alcançar os objetivos propostos. O referencial teórico foi formado por autores e autoras dos estudos da EJA: Haddad e Di Pierro (2000), Paulo Freire (2006), Costa, Alvares e Barreto (2006), Gomes e Silva (2018), Eiterer, Dias e Costa (2014), Coura, Eiterer e Soares(2023), Caldas (2016), entre outros. Como resultados, percebemos que diferentes sujeitos buscam a escola por diferentes motivos e enfrentam seus próprios desafios: a) os idosos buscam a escola para: a socialização, não ficarem isolados, aprender a ler para melhorar o seu dia a dia e os desafios enfrentados são: medo de errar, problemas de locomoção e saúde, falta de apoio da família, conflitos com os estudantes mais jovens da EJA; b) os jovens negros buscam a escola porque precisam de um trabalho formal, mais digno, por isso recorrem à escola para lutar por melhores condições de vida para eles e para a família e os desafios enfrentados são: racismo dentro e fora da escola, dificuldades financeiras, falta de compromisso deles mesmo com a EJA, desânimo com a metodologia de ensino na EJA, conflito com os alunos mais velhos; c) as mulheres buscam a EJA para: conseguir autonomia, não serem dependentes, alcançar um emprego melhor, sair do trabalho doméstico, dar um futuro para os seus filhos e filhas e os desafios enfrentados são: sobrecarga de trabalho pelas atividades domésticas, pelo machismo na proibição de estudar pelos maridos e companheiros e falta de apoio de patrões e patroas; e por último, as pessoas surdas buscam a EJA para aprender a Libras, aprender o português, viver em comunidade e ter a identidade surda, ter mais autonomia e conseguir um trabalho e conhecer seus direitos, e os principais desafios são: não saberem se comunicar em Libras, só gestos caseiros, falta de apoio da família para frequentar a escola, escolas que não tem intérpretes e falta de escolas bilíngues que tenham a EJA.

Palavras-chave: Sujeitos da EJA. Razões para estudar. Desafios para voltar à escola.

ABSTRACT

The theme of the final course of the Licentiate's degree of the Bilingual Pedagogy Libras/Portuguese is about EJA students, their challenges and the reasons for returning to school. EJA students are people of different ages (young people, adults and elderly people), from different regions of Brazil, men and women, who had their studies interrupted and seek to have their right to study recognized despite many difficulties and obstacles encountered along the way. The objective of the TCC was to understand the reasons that lead EJA students to return to school and the challenges they face. The specific objectives of the study were: a) to understand the reasons that lead EJA students to return to school; b) to identify the main challenges faced by EJA students to continue in school. The methodology used in the study was bibliographic; we read texts, articles and research on the subject to achieve the proposed objectives. The theoretical framework was formed by authors of EJA studies: Haddad and Di Pierro (2000), Paulo Freire (2006), Costa, Alvares and Barreto (2006), Gomes and Silva (2018), Eiterer, Dias and Costa (2014), Coura, Eiterer and Soares (2023), Caldas (2016), among others. As a result, we realized that different subjects seek school for different reasons and face their own challenges: a) the elderly seek school for: socialization, not to be isolated, learn to read to improve their daily lives and the challenges faced are: fear of making mistakes, mobility and health problems, lack of family support, conflicts with younger EJA students; b) young black people seek out school because they need formal, more dignified work, so they turn to school to fight for better living conditions for themselves and their families. The challenges they face are: racism inside and outside of school, financial difficulties, lack of commitment on their own to EJA, discouragement with the teaching methodology in EJA, conflict with older students; c) women seek out EJA to: achieve autonomy, not be dependent, get a better job, stop doing housework, give their sons and daughters a future. The challenges they face are: work overload due to domestic activities, machismo in the prohibition of studying by their husbands and partners, and lack of support from their bosses; and finally, deaf people seek EJA to learn Libras, learn Portuguese, live in a community and have a deaf identity, have more autonomy and get a job and know their rights, and the main challenges are: not knowing how to communicate in Libras, only home gestures, lack of family support to attend school, schools that do not have interpreters and lack of bilingual schools that have EJA.

Keywords: EJA people. Reasons for adults to go back to school. Challenges faced by adults to go back to school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Paulo Freire - 103 anos do Patrono da Educação	21
Figura 2: Taxa de analfabetismo no Brasil (2016-2023).	25
Figura 3: Número médio de ano de estudo (2016-2023).	26
Figura 4: Pessoas de 14 a 29 anos e que não frequentam escola, com nível de instrução inferior ao médio completo (sexo e cor ou raça).	27
Figura 5: Taxa de analfabetismo (2016-2022-2023).	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: Educação de Jovens e Adultos: conceitos, marcos históricos e perfil dos alunos e alunas da EJA	16
1.1 O que é a EJA?	16
1.2 Marcos históricos da EJA	18
1.3 As pessoas da EJA: o perfil dos alunos e das alunas	24
CAPÍTULO 2: Sujeitos da EJA: quais as razões para voltar a estudar e os seus desafios?	30
2.1 Alunos e alunas da EJA: pessoas que tiveram que trabalhar e não puderam estudar	31
2.2. Os idosos na EJA	35
2.3: Os jovens negros na EJA	39
2.4: As mulheres na EJA	45
2.5: As pessoas surdas na EJA	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é sobre os sujeitos da EJA, seus desafios e as razões para voltar a estudar. Os objetivos específicos do estudo são: identificar os principais desafios enfrentados por alunos e alunas da EJA e entender os motivos que levam os alunos e alunas da EJA a voltarem para escola.

Em formato de pergunta buscamos entender: quais motivos para voltar a estudar e os desafios enfrentados pelos alunos e alunas da EJA?

A metodologia do estudo é a bibliográfica. De acordo com Gil (2008, p.50) : “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ela é desenvolvida através de outros materiais que foram escritos por outros pesquisadores e pesquisadoras. A pesquisa bibliográfica traz ricas fontes de materiais para serem analisadas como: textos, monografias, artigos, livros, capítulos de livros, dentre outros. A pesquisa bibliográfica leva o pesquisador ou pesquisadora a lugares que se fosse para chegar pessoalmente seria mais difícil, por conta do tempo, dos gastos da pesquisa entre outros desafios para um Trabalho de Conclusão de Curso -TCC.

Gil (2008, p.50) explica que “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003 p.183):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

A pesquisa bibliográfica nos coloca diante de tudo o que foi escrito sobre determinado assunto, ela traz ao pesquisador ou pesquisadora a oportunidade de colocar em prática novo olhar sobre um tema que já foi pesquisado por outras pessoas (Lakatos e Marconi, 2003).

As autoras Lakatos e Marconi (2003) defendem a importância de se analisar a veracidade das informações, para que não se passe informações incorretas ao leitor ou leitora da pesquisa. Por isso, este TCC trabalhará com fontes bibliográficas confiáveis, que são as pesquisas publicadas, que passaram por revisões em revistas e universidades.

Buscamos dessa forma entender através de estudos realizados por outros e outras pesquisadoras: quais os desafios e as razões que têm levado os jovens e adultos a voltar estudar, o caminho percorrido por eles para que consigam estar novamente em uma sala de aula, o

motivo pelos quais esses alunos buscam a escola mesmo depois de ter ficado parado ou nunca ter frequentado uma escola. E também compreender os obstáculos ou dificuldades que enfrentam.

O referencial teórico do trabalho de conclusão de curso é composto pelos autores e autoras da EJA, tais como: Haddad e Di Pierro (2000), Paulo Freire (2006), Costa, Alvares e Barreto (2006), Gomes e Silva (2018), Eiterer, Dias e Costa (2014), Coura, Eiterer e Soares(2023), Caldas (2016), entre outros

A temática do TCC é importante de ser estudada pois a Educação de Jovens e Adultos tem um histórico de lutas e forças que vem resistindo ao tempo. A EJA recebe menos atenção e recursos. Um dos maiores defensores da EJA foi Paulo Freire que sempre lutou em favor das classes menos favorecidas, por isso, pesquisar a EJA é continuar a luta pelas pessoas menos favorecidas.

Os desafios que os alunos e alunas enfrentam no dia a dia para estar em uma sala de aula precisam ser estudados, pois muitas são as dificuldades para serem superadas. Igualmente é importante conhecer as razões que levam esses alunos e alunas a buscar a EJA para concluir seus estudos, para que as escolas possam acolher melhor esses alunos e alunas.

A EJA recebeu pouco financiamento ao longo de sua história e foi pouco valorizada (Haddad e Di Pierro, (2000). Outra coisa que vejo é que a EJA é pouco trabalhada ao longo do curso de Pedagogia. No caso do curso de Pedagogia Bilíngue, no IFG campus Aparecida de Goiânia, tivemos apenas o estágio e também uma disciplina relacionada à EJA. Na minha opinião esse deveria ser um assunto melhor e mais trabalhado na Pedagogia, pois os alunos e alunas que fazem o curso já sairiam com um aprendizado melhor nesse sentido, sabendo como trabalhar a educação com jovens e adultos. Considero de grande importância o estudo da EJA, para os alunos e alunas que estão se formando que poderão adquirir mais segurança, conhecimento e principalmente saberão lidar com cada aluno e aluna jovem e adulta.

A EJA é um direito de estudar para as pessoas que não puderam concluir seus estudos ou não chegaram a estudar, por isso deveria ser mais defendida, reconhecida, divulgada e pesquisada. Para os alunos e alunas que estudam na EJA a escola é muito importante, pois nela, eles e elas são valorizados pelo seu esforço, conseguem aprender a ler e escrever o que para eles é essencial para que consigam melhores oportunidades de trabalho, e ter uma vida melhor com as suas famílias.(Haddad e Di Pierro, 2000).

Meu interesse pela EJA veio a partir do momento que comecei a fazer estágio, no sexto período do curso. Ao começar meu estágio me veio a lembrança de quando eu morava em outro estado, no Pará na cidade de Altamira, e meus pais começaram a fazer EJA. Eles tinham muita

vontade de aprender a ler e escrever, porém na época foi muito difícil para meu pai e minha mãe continuarem, então pararam. Meu pai parou por completo, ficava apenas na roça e minha mãe continuou mais um pouco e aprendeu a escrever e a ler. Sempre me lembro o quanto eles gostavam de estar lá. As professoras dos meus pais eram muito dedicadas e sempre dispostas a ajudar, até visitavam eles em nossa casa para saber como eles estavam. Por todo este empenho, a EJA me trouxe boas lembranças em minha memória, em minha história de vida. Sempre tive vontade de poder contribuir com as pessoas adultas na EJA, vi a oportunidade que é aprender a dar aulas para pessoas mais velhas, o quanto é gratificante ver o direito à educação ser cumprido e a alegria desses alunos e alunas quando conseguem aprender a ler e escrever e realizar seus sonhos. Realmente a EJA encanta pela força de vontade que aqueles alunos e alunas carregam consigo diante das dificuldades enfrentadas.

A experiência no estágio em EJA também foi importante para que eu aprendesse e lesse mais sobre o assunto, isso me deu uma nova visão, com mais segurança, para que eu escolhesse esse caminho e temática de pesquisa no TCC.

Os resultados do TCC estão divididos em três partes sendo esta Introdução a primeira parte do texto, em que fiz uma apresentação da pesquisa, sobre o tema, os objetivos, justificativa, metodologia e referencial teórico, de forma que o leitor ou leitora pudesse entender de forma geral do que se trata a minha pesquisa. Na segunda parte temos o primeiro capítulo, nele apresento a Educação de Jovens e Adultos, explico: O que é a EJA, Quais os principais marcos históricos e quem são os sujeitos da EJA. Na terceira e última parte temos o segundo capítulo do TCC, nele respondo quais os desafios e as razões para os alunos e alunas da EJA voltarem a estudar. As conclusões são apresentadas nas considerações finais e o TCC termina com as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1: Educação de Jovens e Adultos: conceitos, marcos históricos e perfil dos alunos e alunas da EJA

Este capítulo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo de explicar o que é a Educação de Jovens e Adultos, apresentar os principais marcos históricos da EJA no Brasil a partir dos autores e autoras Haddad e Di Pierro (2000) e Porcaro (2009) e também o perfil dos alunos e alunas da EJA de acordo com os dados do PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2023).

1.1 O que é a EJA?

A Educação de Jovens e adultos é definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9394/96, em seu artigo 37º § 1º da seguinte forma:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Segundo a LDB (1996), o início dos estudos, na educação básica, começa a partir dos 4 anos de idade e o esperado é terminar o ensino médio com mais ou menos 17 anos de idade. Mas, se tudo isso não der certo e por algum motivo e a pessoa tiver que desistir ou interromper os estudos, o aluno ou aluna poderá retornar seus estudos na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

São muitos os motivos que impedem uma pessoa de frequentar a escola. Segundo o capítulo “As diferentes raízes culturais” de Álvares, Barreto e Costa (2006), a desigualdade social, e também o fracasso escolar é que tem se tornado uma das causas mais preocupantes que faz com que os alunos não frequentem a escola, além da baixa autoestima por não conseguir o resultado esperado. Sabemos que não são somente essas causas que têm levado os jovens e adultos a desistirem dos estudos, a maioria deixa a escola para buscar um trabalho e ajudar no sustento da família. Já outros precisam cuidar dos irmãos enquanto os pais e mães trabalham fora.

Antigamente, muitos alunos e alunas não tinham condições financeiras para chegar

até a escola, pois era difícil o acesso e às vezes até já estavam matriculados ou matriculadas na esperança de conseguir realizar seu sonho mas não conseguem, com isso desistem e deixam a escola, pois a necessidade fala mais alto (Álvares, Barreto e Costa 2006). Muitos têm o desejo de estudar já na fase adulta para aprender ler, aprender escrever e não ficar dependendo de outras pessoas, eles carregam um sonho do que foi lhe tirado desde a infância, muitos adultos da EJA cresceram com esse sonho e em alguma fase das suas vidas buscam realizar, mas mesmo assim muitos não conseguem, pelo que já foi dito: dificuldade de acesso e permanência.

Outras causas também afastaram e afastam os alunos e alunas da EJA da escola, por exemplo, o machismo e o racismo, em que as meninas eram consideradas com menos capacidades que os meninos, mas hoje essa realidade já mudou. No passado, muitas famílias não entendiam a importância da mulher estudar e até proibiam e hoje algumas mulheres na EJA podem desistir da EJA por causa da proibição dos maridos, o machismo existe até hoje (Eiterer,Dias e Costa, 2014).

O documentário “Fora de Série”, feito pelo Observatório do Rio de Janeiro, trata-se de resultado de pesquisa com estudantes do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Rio de Janeiro e este documentário deixa claro o fracasso escolar. Também apresenta questões sociais importantes para os jovens estarem, cada vez mais cedo, fora da sala de aula. Segundo Oliveira, Carrano e Marinho (2015) os jovens e adultos da EJA são pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social que buscam a melhoria de suas condições de vida por meio do trabalho. A maioria desses jovens são negros e saíram da escola porque precisavam contribuir, de alguma forma, para o sustento de suas famílias. Por isso, o racismo também expulsa da escola jovens e adultos negros.

O documentário “Fora de série” aborda várias razões para pessoas jovens e adultas saírem da escola, como a desigualdade, o bullying, gravidez na adolescência, racismo, preconceito, violência doméstica e machismo (Oliveira, Carrano e Marinho, 2015).

Mas, mesmo que a pessoa deixe de estudar, ela tem o direito à educação. A Constituição Federal, em seu artigo 205 defende que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pelo que foi explicado, entendemos que a EJA não se trata de um favor, mas sim um direito que deve ser garantido a todo e qualquer cidadão independente da idade. Esse direito

é uma responsabilidade da família e do Estado, porém mesmo estando na lei nem todos têm condições de se manter na escola, principalmente por condições financeiras para se manter na EJA. Por isso, mudar essa realidade precisa de auxílios, bolsas, políticas públicas para amparar as pessoas da EJA.

1.2 Marcos históricos da EJA

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil Colônia se dava de forma missionária. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p 86.):

Sabe-se que já no período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa missionária em grande parte com adultos. Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Mais tarde, se encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos.

Os jesuítas ficaram muitos anos à frente de todo o sistema de educação, até que em 1759 foram expulsos e com essa expulsão “[...] somente no Império voltaremos a encontrar informações sobre ações educativas no campo da educação de adultos” (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 86).

A educação como um direito apareceu pela primeira vez em 1824, na primeira Constituição:

No campo dos direitos legais, a primeira Constituição brasileira, de 1824, firmou, sob forte influência européia, a garantia de uma “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos”, portanto também para os adultos. Pouco ou quase nada foi realizado neste sentido durante todo o período imperial, mas essa inspiração iluminista tornou-se semente e enraizou-se definitivamente na cultura jurídica, manifestando-se nas Constituições brasileiras posteriores. O direito que nasceu com a norma constitucional de 1824, estendendo a garantia de uma escolarização básica para todos, não passou da intenção legal. A implantação de uma escola de qualidade para todos avançou lentamente ao longo da nossa história. É verdade, também, que tem sido interpretada como direito apenas para as crianças (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 86).

Esse direito só foi realizado de fato no papel, porque na realidade não existia uma educação que pudesse atender a todos e todas do Brasil, visto que a educação na época do império favorecia somente pessoas da elite. Somente essas pessoas eram consideradas cidadãs, só elas que tinham um poder econômico melhor, e entre essas pessoas não estavam incluídos os negros, os indígenas e mesmo as mulheres brancas (Haddad e Di Pierro, 2000).

De acordo com Stamatto (2002) e Louro (2004) é importante lembrar que nessa época,

mesmo com essa Constituição, a educação era dada somente aos homens da elite branca, as mulheres brancas tinham a função de cuidar da casa, aprender a bordar, o importante era elas saberem cuidar do lar e saberem como deveria se portar ao aparecer para a sociedade. A partir da Lei Geral de 1827 que as mulheres começaram a ter contato com a letra escrita, foi pela chegada dessa lei geral que as mulheres puderam frequentar a escola pública pela primeira vez, assim como os homens e ainda assim continuavam discriminadas, pois não poderiam aprender todas as matérias que eram ensinadas aos homens, só poderiam aprender as matérias que não iam desviar as meninas para outras coisas que não fosse o futuro casamento (Stamatto, 2000; Louro, 2004). E todo este histórico teve impacto na história das mulheres, as mulheres lutam até hoje pelos seus direitos de estudar.

A respeito da Primeira República, Haddad e Di Pierro (p. 87 e 88) explicam que:

A Constituição de 1891, primeiro marco legal da República brasileira, consagrou uma concepção de federalismo em que a responsabilidade pública pelo ensino básico foi descentralizada nas Províncias e Municípios. A União reservou-se o papel de “animador” dessas atividades, assumindo uma presença maior no ensino secundário e superior. Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente. A nova Constituição republicana estabeleceu também a exclusão dos adultos analfabetos da participação pelo voto, isto em um momento em que a maioria da população adulta era iletrada.

Ao passar a responsabilidade da educação básica para as províncias e municípios, ficou com poucos recursos para a educação, pois algumas províncias não tinham recursos. Isso deixou muito claro o descaso com a educação do povo e dos menos favorecidos.

A partir daí o pouco que foi realizado foi por meio de campanhas para ajudar os menos favorecidos e analfabetos. Mas as campanhas não tinham qualidade, o resultado foi que: “O censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta” (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 88).

Na Era Vargas, tivemos uma nova Constituição que propôs um Plano Nacional de Educação garantindo a responsabilidade do país com a Educação: “reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de entregar e cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação” (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 89).

Durante as décadas seguintes, o Brasil esteve em constantes mudanças no trabalho cada vez mais industrial, nas cidades que ficaram mais urbanas e com isso, havia uma preocupação geral com a educação das camadas populares. De acordo com o texto, *Escolarização de Jovens e Adultos* (2000, p. 91) a Educação devia:

[...] prover qualificações mínimas à força de trabalho para o bom desempenho aos projetos nacionais de desenvolvimento propostos pelo governo federal. Agora, mais do que as características de desenvolvimento das potencialidades individuais, e, portanto, como ação de promoção individual, a educação de adultos passava a ser condição necessária para que o Brasil se realizasse como nação desenvolvida.

Ao longo dos anos, na década de 1940, foram criadas também novas campanhas de alfabetização, como a CEAA, Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, em 1947. Ainda teve duas importantes campanhas que foram a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) que foi criada com objetivo de formar professoras e professores para atuar na zona rural, pensando na diminuição do analfabetismo na zona rural (Haddad e Di Pierro, 2000).

No final da década de 1950 tivemos outra campanha, foi a de Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo também para reduzir as taxas de analfabetismo.

As campanhas também existiam depois do poder público ser pressionado para agir diante do número alto de analfabetos, pressionados pelo aumento da população que a cada dia aumentava nas cidades urbanas e necessitavam de educação para trabalhar nas indústrias, precisam saber ler e escrever.

Como mostram Haddad e Di Pierro (2000) essas campanhas ocorridas nas décadas de 1940 e 1950, fez com que o analfabetismo diminuísse um pouco, entre as pessoas maiores de cinco anos para 46,7 % no ano de 1960. Mas mesmo assim, os níveis escolares da população permaneciam reduzidos quando comparados à média dos países do primeiro mundo.

No período de 1959 a 1964 é chamado por Haddad e Di Pierro (2000) de “Período das luzes” para a EJA. Foi uma época de ir em contra as antigas ideias e preconceitos com a educação de jovens e adultos, buscando reformar métodos para ensinar pessoas adultas. Assim a EJA, que começou a ser reconhecida e receber tratamento especial, com forma adequada de ensinar adultos sem infantilizar. Nessa época, Paulo Freire contribuiu com muitas mudanças.



Figura 1: Paulo Freire - 103 anos do Patrono da Educação

Fonte: Fundacion Torres - Paulo Freire

Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro. O seu nome completo é Paulo Reglus Neves Freire. Ele nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife-Pernambuco. A sua formação inicial foi em Direito, porém não chegou a exercer a profissão, pois desde cedo já sentia paixão por lecionar, por isso buscou dar aulas. Em sua carreira ele passou pela secretaria de educação e cultura de Pernambuco, onde atuou como diretor do departamento, além disso junto com a universidade ele realizou um trabalho com pessoas analfabetas em projetos importantes como a alfabetização realizada em Angicos- RN.

De acordo com Sérgio Haddad (2019), Paulo Freire era contra o ensino do professor autoritário aquele ensino em que o professor coloca suas ideias e o aluno é obrigado a fazer exatamente o que ele está falando que deve ser feito. Segundo ele, o Paulo Freire foi um educador que defendia uma educação de adultos a partir das experiências vividas por eles, seu ensino era baseado em diálogo entre educadores e educandos pois acreditava que assim os estudantes poderiam aprender mais (Haddad, 2019). E hoje sabemos como isso é importante, que se o aluno pode expor suas ideias, compartilhar de uma roda de conversas ele consegue compreender melhor o que está estudando.

Paulo Freire defendia esse ensino próprio para pessoas adultas. Criou um jeito de ensinar com palavras geradoras, conhecido depois como “Método Paulo Freire” (Brandão, 2006). Pelo sucesso do método de alfabetização, Paulo Freire foi convidado a colaborar com o governo federal e criar um plano nacional de alfabetização (Haddad e Di Pierro, 2000).

O golpe militar em 1964 interrompeu o plano nacional de alfabetização e Paulo Freire foi exilado:

Durante a ditadura, foi exilado e passou 16 anos fora do Brasil morando no Chile, Estados Unidos e Suíça. Tornou-se conhecido e respeitado, em todo o mundo, por suas ideias expostas em livros, como: “Educação como Prática da

Liberdade”, “Pedagogia do Oprimido” e outros mais (Álvares, Barreto e Costa, 2006, p.26).

Durante a ditadura militar os educadores enfrentaram muitas tensões e repressões. Na Educação de Jovens e Adultos foi elaborado o programa conhecido como MOBRAL. Na visão de Haddad e Di Pierro (2000, p. 99), nos anos 1970:

Chegou imposto, sem a participação dos educadores e de grande parte da sociedade. As argumentações de caráter pedagógico não se faziam necessárias. Havia dinheiro, controle dos meios de comunicação, silêncio nas oposições, intensa campanha de mídia. Foi o período de intenso crescimento do MOBRAL.

O MOBRAL não oferecia uma educação de qualidade, o ensino muitas vezes não tinha aprofundamento e por essas razões ele não cumpriu com a sua promessa, que era de acabar em dez anos com o analfabetismo no país, mais conhecido como “vergonha nacional” nas palavras do então presidente na época, o militar Médici (Haddad e Di Pierro, 2000).

Na década de 1970 tivemos a implementação do conhecido Ensino Supletivo por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de número 5.692 de 11 de agosto de 1971. A partir do capítulo IV dessa LDB:

Três princípios ou “idéias-força” foram estabelecidos por esses documentos que conformam as características do Ensino Supletivo. O primeiro foi a definição do Ensino Supletivo como um subsistema integrado, independente do Ensino Regular, porém com este intimamente relacionado, compondo o Sistema Nacional de Educação e Cultura. O segundo princípio foi o de colocar o Ensino Supletivo, assim como toda a reforma educacional do regime militar, voltado para o esforço do desenvolvimento nacional, seja “integrando pela alfabetização a mão-de-obra marginalizada”, seja formando a força de trabalho. A terceira “idéia-força” foi a de que o Ensino Supletivo deveria ter uma doutrina e uma metodologia apropriadas aos “grandes números característicos desta linha de escolarização”. Neste sentido, se contrapôs de maneira radical às experiências anteriores dos movimentos de cultura popular, que centraram suas características e metodologia sobre o grupo social definido por sua condição de classe (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 101).

O Ensino Supletivo também não era como a proposta pensada pelo Paulo Freire, antes da ditadura militar, o foco dele era formar mão de obra para o trabalho sem pensamento crítico, sem que os alunos e alunas pensassem nas questões de classe social.

De acordo com Haddad e Di Pierro (2000) o Ensino Supletivo foi mostrado à sociedade como um projeto de escola do futuro e que respondia à modernização socioeconômica observada no país, naquela época, nos anos 70, e não como escola que defendia a classe trabalhadora. O Ensino Supletivo não era libertador como a educação pensada por Paulo Freire.

Com o fim da ditadura militar no Brasil, mudanças também aconteceram na educação de jovens e adultos. Com o fim da ditadura ocorreu uma redemocratização do país na década de

1980.

Em 1988 temos a nova Constituição Brasileira e ela é conhecida como “Constituição Cidadã” por defender a cidadania para todos e todas do Brasil. Sobre a educação, ela defende que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Havia muita esperança, nos anos 1980, de que a Educação de Jovens e Adultos iria avançar com o direito de todo mundo ter pelo menos o Ensino Fundamental. Mas neste momento e nos anos 1990 todo empenho foi para as crianças, para elas fazerem o Ensino Fundamental, com isso, a EJA mais uma vez ficou para trás (Haddad e Di Pierro, 2000).

Nos anos 1990 foram feitas mudanças e reformas na educação que prejudicaram a EJA:

A reforma educacional iniciada em 1995 veio sendo implementada sob o imperativo de restrição do gasto público, de modo a cooperar com o modelo de ajuste estrutural e a política de estabilização econômica adotados pelo governo federal. Tem por objetivos descentralizar os encargos financeiros com a educação, racionalizando e redistribuindo o gasto público em favor do ensino fundamental obrigatório. Essas diretrizes de reforma educacional implicaram que o MEC mantivesse a educação básica de jovens e adultos na posição marginal que ela já ocupava nas políticas públicas de âmbito nacional, reforçando as tendências à descentralização do financiamento e da produção dos serviços (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 112).

A partir dos anos 2000 a luta pela EJA continua grande. Mais uma vez o governo quer parcerias para fazer a EJA acontecer e não assume a responsabilidade completa. Segundo Porcaro (2009, p. 6-7):

Essa prática de conveniamento, portanto, favorece a disseminação de programas de alfabetização, educação básica, formação e qualificação profissional de jovens e adultos em regime de parceria e essas políticas levam à redefinição do papel do Estado, desenvolvendo a idéia de que a responsabilidade pública pela educação básica de jovens e adultos no Brasil não cabe exclusivamente ao governo, mas à toda a sociedade.

É possível ver que muitas foram as dificuldades enfrentadas para que a EJA chegasse até aqui, grandes foram os desafios entre eles erros e acertos, os alunos da EJA são pessoas que há muitos anos lutam pelo seu direito à educação.

Além disso, a EJA tem problemas atualmente graves, como a evasão escolar, falta de escolas para oferecer, infraestrutura inadequada e formação insuficiente de professores

(Porcaro, 2009).

E assim, chegamos em 2023, com 9,3 milhões de analfabetos no Brasil, com 15 anos ou mais, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2023).

1.3 As pessoas da EJA: o perfil dos alunos e das alunas

Para apresentar o perfil dos alunos e alunas da EJA é importante mostrar os dados recentes de quem são as pessoas que não sabem ler e escrever no Brasil, quem não terminou a escola, onde são as regiões com mais analfabetos, idade, cor e gênero dessas pessoas.

Como já foi falado, temos atualmente 9,3 milhões de analfabetos no Brasil, com 15 anos ou mais, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 5,4%. Dessas pessoas 54,7%(5,1 milhão de pessoas) viviam na região nordeste do nosso país, 22,8% (2,1 milhão de pessoas) na região sudeste (IBGE 2023).

É possível perceber que o número de analfabetos é maior de acordo com a idade, quanto mais velho o grupo populacional a taxa de analfabetos é maior:

Em 2023, eram 5,2 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 15,4% para esse grupo etário. Ao incluir, gradualmente, os grupos etários mais novos, observa-se queda no analfabetismo: para 9,4% entre as pessoas com 40 anos ou mais, 6,5% entre aquelas com 25 anos ou mais e 5,4% entre a população de 15 anos ou mais (IBGE, 2023, p.02). .

Não se pode negar que com o passar dos anos as gerações mais novas estão tendo mais acesso a educação ainda na infância, o que para os alunos e alunas mais velhos da EJA era muito mais difícil, pois a maioria deles deixavam os estudos como já foi dito anteriormente para ajudar no sustento da família, nos cuidados dos irmãos mais novos, por causa da necessidade muitos precisavam trabalhar e com isso os estudos iam ficando de lado. Assim, podemos entender que nas salas dos anos iniciais da EJA, as salas de alfabetização, podem ter mais pessoas idosas, mais velhas.

Abaixo temos uma tabela, feita pelo IBGE (2023) explicando a idade, sexo, cor e raça do analfabetismo no Brasil:

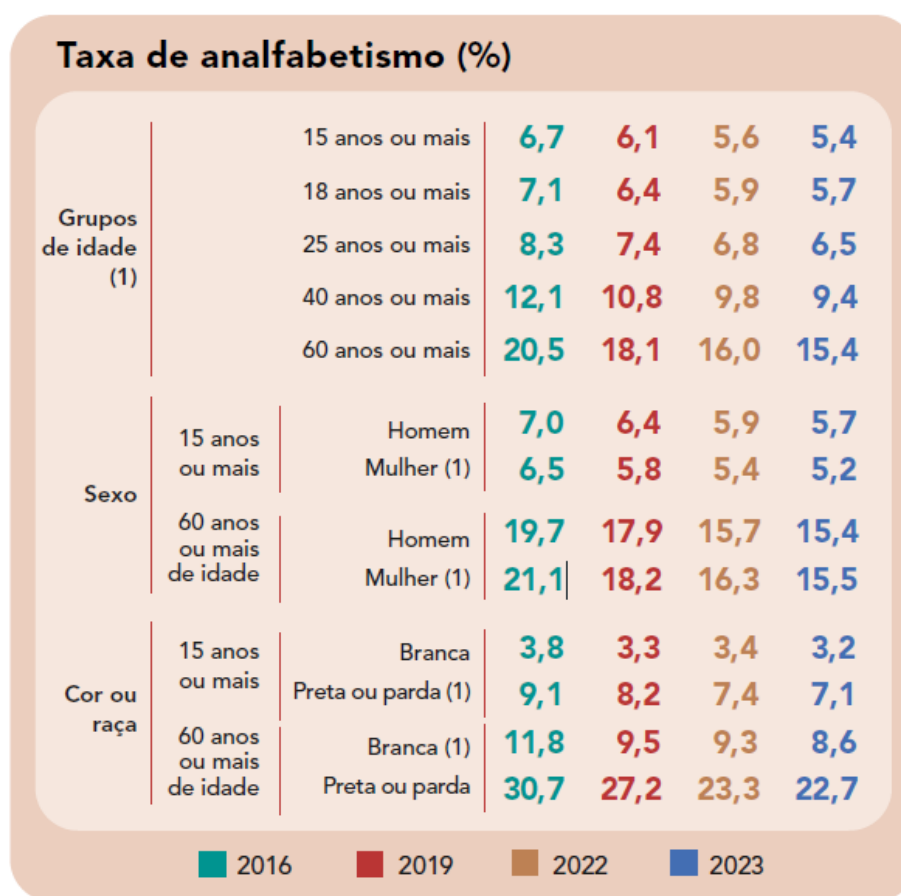


Figura 2: Taxa de analfabetismo no Brasil (2016-2023).

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2023.

Sobre o gênero, a taxa de analfabetismo das mulheres de 15 anos ou mais em 2023, foi de 5,2% enquanto a dos homens foi de 5,7%, percebemos assim que os homens têm uma taxa levemente maior que as mulheres no analfabetismo, mas antigamente não era assim. Para a faixa etária das mulheres mais velhas, com 60 anos ou mais, nota-se que a taxa das mulheres analfabetas foi superior à dos homens de 2016 até 2023. Isso acontece porque antigamente as mulheres eram proibidas de estudar por seus pais e familiares, não só por terem que ajudar no trabalho, mas também por machismo, conforme explicam as pesquisadoras Eiterer, Dias e Costa (2014) que pesquisam gênero na EJA.

É impressionante o quanto o número de analfabetos tem uma diferença enorme quando se trata de cor e raça na análise que foi realizada para verificar o número de analfabeto brancos e negros. Em 2023 3,2% das pessoas de 15 anos ou mais de cor branca eram analfabetas, percentual que aumenta para 7,1% entre pessoas de cor preta ou parda, mais que o dobro. No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo das pessoas de cor branca alcançou

8,6% e entre as pessoas pretas ou pardas, chegou a 22,7%, um número bem mais elevado se tratando de cor (IBGE, 2023). Isso acontece porque as pessoas negras são as mais afetadas e excluídas da educação, por conta do racismo que existe na sociedade.

Os dados mostram que o perfil da EJA é de pessoas negras, são os pretos e pardos que precisam trabalhar e são mais excluídos da escola.

Sobre os lugares do Brasil, o PNAD (2023) mostra que a taxa de analfabetismo reflete as desigualdades regionais:

[...] na medida em que as Regiões Nordeste e Norte apresentaram as taxas de analfabetismo mais elevadas – 11,2% e 6,4%, respectivamente, em 2023 entre as pessoas com 15 anos ou mais de idade – enquanto o Centro-Sul do País, taxas bem mais baixas. Em relação a 2022, a proporção de analfabetos neste grupo de idade teve queda na Região Nordeste. Nas demais, a taxa se manteve estatisticamente estável (IBGE, 2023 p. 2).

A desigualdade é muito grande entre as regiões, pois no nordeste e norte do país as pessoas estudam menos anos que no restante do Brasil:

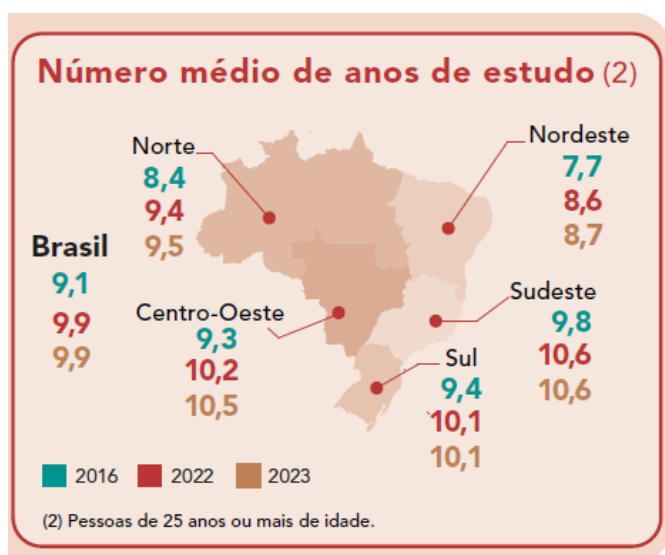


Figura 3: Número médio de ano de estudo (2016-2023).

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2023.

O relatório também mostra que em “[...] termos regionais, Sudeste, Sul e Centro-Oeste mantiveram-se com uma média de anos de estudo acima da nacional – respectivamente de 10,6, 10,1 e 10,5 anos – ao passo que as Regiões Nordeste e Norte ficaram abaixo da média do País, com 8,7 anos e 9,5 anos, respectivamente” (IBGE, 2023, p. 04).

Quando avaliamos o número de jovens (14 a 29 anos) que não completaram o ensino temos 9 milhões, seja por abandono ou por nunca terem ido à escola na vida. Destes: “58,1% eram homens e 41,9% eram mulheres. Considerando-se cor ou raça, 27,4% eram brancos e

71,6% eram pretos ou pardos” (IBGE, 2023, p. 09).

Pessoas de 14 a 29 anos e que não frequentam escola, com nível de instrução inferior ao médio completo, segundo o sexo e a cor ou raça

Sexo e cor ou raça	Total	
	Absoluto (milhões)	Percentual (%)
Total (1)	9,0	100,0
Sexo		
Homem	5,2	58,1
Mulher	3,8	41,9
Cor ou raça		
Branca	2,5	27,4
Preta ou parda	6,4	71,6

Figura 4: Pessoas de 14 a 29 anos e que não frequentam escola, com nível de instrução inferior ao médio completo (sexo e cor ou raça).

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2023.

Mais uma vez o dado é muito alto e impressionante do racismo no Brasil. A diferença entre negros e brancos é enorme.

Outro ponto apresentado no relatório feito pelo PNAD (2023) é que a situação da educação no Brasil deveria ser melhor de acordo com as metas do Plano Nacional de Educação, uma das metas era que os jovens terminassem a escola, mas vemos que não é fácil de ser alcançada. Até mesmo para os mais velhos que voltam a estudar na EJA não é fácil se manter na escola.

Mesmo com o PNE- Plano Nacional de Educação reforçando o compromisso, sabemos que não é fácil manter as pessoas na escola, visto que as dificuldades financeiras existem e muitos não conseguem se manter na escola. Uma das experiências que mostra isso no concreto é o estágio, é diferente você ver pessoalmente os desafios dentro de uma escola de EJA. Isso aconteceu durante o meu Estágio na EJA- que realizei na Escola Municipal Camila Scaliz em Aparecida de Goiânia, no 6º período da minha faculdade no ano de 2023. Neste estágio, eu pude observar que o número de pessoas que estão ali buscando aprender a ler e escrever, e que isso aparece como o mais importante para eles, são pessoas que já tem mais de 60 anos, algumas já aposentadas ou fora do trabalho.

Essas pessoas buscam a EJA, mesmo mais velhas, porque sentem a necessidade de

saber ler e escrever para não depender de outras pessoas, pois durante toda a vida elas precisaram de alguém para auxiliá-las, seja no supermercado para fazer as compras, seja num ponto de ônibus onde não sabiam qual ônibus pegar, para não serem enganados ao efetuar um pagamento. Ir para a escola é algo de grande importância para elas, mas mesmo assim não era fácil.

Outra coisa que é possível observar é que a maior parte são pessoas negras, que não puderam frequentar a escola e agora estão em busca do direito que foi negado. Por isso, todos esses dados do PNAD (2023) se confirmam quando pisamos em uma escola de EJA, como foi no estágio. A maioria dos analfabetos são idosos, são negros e pessoas com dificuldade financeira, mesmo nos dias atuais, de se manterem na escola.

Os alunos e alunas da EJA são pessoas que pertencem a uma mesma classe social como mostra o texto de Álvares, Barreto e Costa (2006,p.15):

Os homens as mulheres, os jovens, adultos ou idosos que buscam a EJA pertencem toda a mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: Aluguel, água, luz, alimentação remédios para os (filhos quando os tem) o lazer fica por conta dos encontros com as famílias, ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, por muitas vezes às igrejas ou associações. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação; quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior a sua.

Os alunos e alunas da EJA são pessoas que já tiveram muitas experiências com o trabalho, com os conhecimentos do mundo do trabalho, mas não o conhecimento da escola, por isso, muitos têm baixa autoestima. Conforme texto de Álvares,Barreto e Costa (2006, p. 16):

Uma característica freqüente do(a) aluno(a) é sua baixa auto-estima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

Nesse caso é mais um desafio que cabe ao professor contornar com cuidado para elevar a autoestima dessas pessoas de forma que eles possam aprender sem se sentir inferior, pois até mesmo a forma de falar com esses alunos e alunas precisa ser pensada, pois dependendo de como se fala eles podem até abandonar novamente a escola, por se sentirem incapazes ou incompreendidos (Álvares,Barreto e Costa, 2006).

Foi vendo a realidade dessas pessoas que não tinha condições de se manter nas escolas com baixa auto estima, se sentindo sem valor por serem pessoas analfabetas que Paulo Freire,

ainda no ano de 1960, veio a reconhecer o analfabetismo como uma questão não só pedagógica, mas também social e política. É essa sabedoria de Paulo Freire que nos ensina que educar em favor dos pobres é mudar e transformar a sociedade (Álvares, Barreto e Costa, 2006).

Ao explicar o perfil dos alunos e alunas da EJA, Álvares, Barreto e Costa (2006, p. 05) afirmam:

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa.

No meu ponto de vista, uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulto traz consigo muita experiência de vida, o que pode ser um pouco mais difícil pois muitas das vezes elas podem ter uma certa resistência em aceitar novas mudanças em sua vida, em aprender uma coisa de um jeito novo. Porém, é possível que haja sim uma mudança na vida dessas pessoas que apesar de trazerem consigo muitas experiência de vida trazem também muito desejo de aprender aquilo que não viram fora do trabalho, são pessoas que tiveram seus sonhos adiados por muito tempo.

E esses sonhos estão sempre em risco, pois como foi reforçado neste capítulo, não é fácil para esses alunos e alunas estarem em uma sala de aula já na fase adulta, pois existem muitas dificuldades. No perfil dos alunos e alunas da EJA envolve muitas pessoas da família, que eles cuidam ou são responsáveis, negócios fora dali (bicos ou trabalho), relação com os patrões que muitas vezes não apoiam, o acesso que às vezes dificulta muito pois esses alunos dependeria de alguém que levasse e buscasse eles na escola, principalmente os mais idosos. Os alunos e alunas da EJA chegam à escola com uma enorme fragilidade expressando insegurança, descreditos de que consigam realizar seus sonhos que carregam no peito.

É de fundamental importância que o professor ou professora da EJA procure auxiliar esses alunos em suas dificuldades contribuindo de alguma forma para o sucesso escolar desses alunos, pois a escola para esses alunos representa um espaço de transformação social, é um lugar onde os jovens e adultos buscam adquirir conhecimento, a escola proporciona o encontro dos alunos e alunas com outras possibilidades de realização social e pessoal. Daí a importância de estarmos cientes do nosso papel como professores e professoras para melhor favorecer a rede de sociabilidade entre os alunos que muitas vezes vivem as mesmas realidades, passam pelas

mesmas dificuldades na comunidade em que vivem, frequentam os mesmos lugares mas muitas das vezes nem sequer se cumprimentam (Álvares, Barreto e Costa, 2006).

Os alunos da EJA buscam a escola para satisfazer também as suas necessidades particulares para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não dominam a leitura e a escrita.

Quando estive no estágio na EJA, conforme já comentei, na Escola Municipal Camila Scaliz, ouvi vários depoimentos de alunos e alunas que diziam que resolveram voltar a estudar para ter um emprego melhor, alguns porque tinham vergonha de não saber assinar o nome. Outras pessoas foram para fazer amizades, não ficarem sozinhas e isoladas em casa.

Isso mostra que o perfil de alunos da EJA é plural, são pessoas diferentes, com objetivos diferentes, mas todas de condições difíceis de vida, buscando melhoria na qualidade da própria vida, buscando um direito que não tiveram quando eram crianças ou adolescentes. Foi por essa realidade observada no estágio que decidi fazer a pesquisa. No próximo capítulo, aprofundamos os motivos das pessoas voltarem para a escola e os desafios enfrentados.

CAPÍTULO 2: Sujeitos da EJA: quais as razões para voltar a estudar e os seus desafios?

Este capítulo do TCC busca responder às duas perguntas principais da pesquisa: quais os motivos para voltar a estudar e quais os desafios enfrentados pelos alunos e alunas da EJA?

Para responder a essas duas questões buscamos dados de pesquisa sobre diferentes sujeitos da EJA (pessoas negras, mulheres, idosos e pessoas surdas) e leituras bibliográficas dos seguintes autores e autoras do nosso referencial teórico: Cardoso (2015) Coura, Eiterer e Soares (2023), Eiterer, Dias e Coura (2014), Álvares, Barreto e Costa (2006), Gomes, Da Silva (2018), Caldas (2016).

Na organização do capítulo, apresentaremos primeiro o que as autoras Álvares, Barreto e Costa (2006) nos explicam sobre as características gerais de alunos e alunas da EJA, que são de pessoas de classe desfavorecida, que tiveram que trabalhar ao invés de ir para a escola, e depois nos focaremos em alguns sujeitos específicos: pessoas idosas, pessoas negras, mulheres e pessoas surdas na EJA. Ao trabalhar com cada sujeito, buscaremos responder quais os principais desafios e as razões que fizeram com que essas pessoas voltassem a estudar.

2.1 Alunos e alunas da EJA: pessoas que tiveram que trabalhar e não puderam estudar

Uma das principais características dos jovens e adultos da EJA é que eles vêm de classe social desfavorecida, por isso precisaram trabalhar ao invés de estudar, quando eram crianças e adolescentes. Quando voltam para a escola eles e elas buscam o seu desenvolvimento social e melhores condições de vida, conforme explicam Alvares, Barreto e Costa (2006).

Vamos conhecer então, a realidade de muitos alunos e alunas da EJA a partir da história de Josué, um aluno da EJA que só conseguiu estudar na fase adulta. Na infância esse direito foi negado, porque Josué foi impedido de estudar já que a família precisava dele no trabalho.

Josué tem 17 anos, nasceu num povoado perto de Paulo Afonso, no norte da Bahia. É o quarto dos seis filhos de um pequeno sitiante conhecido como Dô e de Das Dores, uma mulher decidida, que acompanha o marido, todos os dias, no serviço da roça. Josué não foi à escola quando criança porque a família precisava da ajuda dele no cuidado com os animais: algumas galinhas, alguns porcos, dois cavalos e três vacas. Os irmãos mais velhos aprenderam a ler com uma professora que morava no povoado. Quando chegou a vez de Josué, a professora mudou de cidade e a escola mais próxima ficava muito longe. O irmão mais velho resolveu procurar trabalho numa cidade com mais recursos e foi para Itabuna. Josué, que na época tinha 14 anos, foi junto. Sem encontrar emprego, mudaram para Vitória da Conquista. Lá o irmão trabalha como pedreiro e, dependendo do serviço, leva Josué para ser ajudante. Perto de onde moram há uma escola que todas as noites enche de jovens. Josué se animou porque sentia na pele como é dura a vida de quem nem sabe ler. Ele é agora um aluno da EJA (Álvares, Barreto e Costa, 2006 p.3).

Nesse depoimento podemos ver as dificuldades que fizeram com que Josué não conseguisse estudar quando era criança. Primeiro ser de uma família sem recursos financeiros e com muitos irmãos. Diante disso, ele precisava ajudar no sustento da família, trabalhando com os animais. Segundo motivo, a cidade em que vivia era pequena e a escola era longe dificultando o acesso. Terceiro motivo, a professora que alfabetizou seus irmãos não morava mais na cidade, então não tinha quem ensinasse. Pela história do Josué compreendemos que as pessoas pobres, longe das cidades capitais, que moram no ambiente rural são as que mais enfrentam dificuldades de se alfabetizar, como já vimos no capítulo 1 nos dados do PNAD (2023) sobre o analfabetismo em diferentes regiões, por isso que são essas pessoas as que nunca foram à escola quando crianças e que hoje em dia têm mais idade, pois uma distorção entre a idade e a série.

Sobre as razões para voltar a estudar, a história de Josué também é comum na EJA, ele voltou a estudar já na fase adulta quando soube que tinha uma escola de EJA que funcionava à

noite, em Vitória da Conquista, cidade maior em que ele trabalhava. Josué rapidamente foi se matricular para estudar, pois tinha muitas razões para voltar, a principal era que a vida se torna bem mais difícil para quem não tem estudo, “[...] sentia na pele como é dura a vida de quem nem sabe ler” (Álvares, Barreto e Costa, 2006 p.3).

Álvares, Barreto e Costa (2006, p. 05) também citam o depoimento de Marcelo, um aluno da EJA com desejo de terminar os estudos:

O meu maior desejo é poder terminar meus estudos, fazer um curso técnico ou mesmo uma faculdade, pois já estou percorrendo metade dos meus desejos. Espero da vida a capacidade infinita de realizar com êxito qualquer tarefa, decidir, agir com otimismo e autoconfiança, por que dias prósperos não vêm por acaso, nascem através de muita luta e persistência.

Estes estudantes buscam na escola um ambiente de aprendizagem principalmente da escrita e da leitura, pois eles trazem consigo experiências de vida, construídas ao longo dos anos, porém na leitura e escrita ainda tem muita dificuldade. E essa dificuldade é cobrada no mundo do trabalho. Eles desejam aprender porque no passado essas pessoas foram impedidas de estudar, muitas dessas pessoas porque precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família, tiveram um passado bem difícil.

Essas pessoas chegam à escola com muita garra e vontade de aprender, elas sonham em poder dar algo melhor a sua família, sonham em ter melhores condições de trabalho, melhoria de vida para seus filhos, serem pessoas independentes. Tudo isso faz parte das necessidades que essas pessoas enfrentaram ao longo de suas vidas.

De acordo com Álvares, Barreto e Costa (2006) as razões fazem com que os alunos e alunas da EJA procurem a escola são bem parecidos conforme os depoimentos abaixo:

“... Poder escrever o que penso”, 15 anos, mulher.
 “... Quando tem um sistema novo pra por no carro pedir pra alguém ler e explicar”, 22 anos, homem.
 “... Ler as placas, os ônibus, sair da cidade”, 25 anos, homem.
 “... Não dá pra melhorar o meu negócio”, 32 anos, mulher.
 “... Nas paradas da tropa, meu pai me ensina em pedaços de jornal”, 48 anos, homem.
 “... Saber o que está escrito num livro, numa placa, num bilhete”, 62 anos, mulher.
 “... Poder escrever e ler uma carta, O que está escrito na nota fiscal que levo da loja”, 27 anos, homem.
 “... Passar no teste para um emprego melhor” 27 anos homem”(Álvares, Barreto e Costa, 2006, p. 10- 11).

Ao ver os depoimentos dos alunos e alunas da EJA, percebemos que eles trazem consigo muito desejo em aprender a ler e escrever pois a escrita e a leitura para esses alunos e alunas se

tornou objeto de valor e conhecimento, é uma forma de arrumarem um emprego melhor, ter outros meios de viver sem precisar depender de outras pessoas e também ter autonomia no cotidiano.

Os alunos da EJA têm muitas dificuldades em se integrar totalmente à sociedade, pois a todo momento são julgados pelas pessoas, tanto as pessoas próximas como as de fora. Por isso, Álvares, Barreto e Costa (2006) nos mostram que um dos motivos para buscarem a EJA é também a socialização. Todo ser humano busca ser reconhecido pelo seu trabalho, pela sua família, pelo meio social em que vive, e os alunos e alunas da EJA não são diferentes, eles buscam a escola para que possam ser reconhecidos pela sociedade. Mesmo essa sociedade sendo preconceituosa com quem não sabe ler e escrever. Os alunos da EJA sabem que para participar diretamente da sociedade precisam adquirir o conhecimento que não foi adquirido na escola, que é aprender a ler e escrever (Álvares, Barreto e Costa, 2006).

Ao falarmos dos desafios, um dos principais é:

Construir uma escola na qual professores e alunos encontrem-se como sujeitos com a tarefa de provocar e produzir conhecimentos. Conhecimentos sustentados na perspectiva daqueles que aprendem, relativos a saberes diversos e que contribuem, efetivamente, para a vida dos alunos. Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentirem sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente (Álvares, Barreto e Costa, 2006, p. 11).

Podemos apontar com Álvares, Barreto e Costa (2006) outros desafios, um deles é que os adultos têm dificuldades maiores do que as crianças para ir à escola hoje em dia. No caso da pessoa adulta é complicado porque envolve a família, os padrões e até mesmo as dificuldades de locomoção e acesso, pois em alguns casos a escola que oferece a EJA fica muito longe de sua residência o que levaria esses alunos a dependerem de alguém para levar e buscar assim como também as condições financeiras que não são adequadas para que esses alunos se mantenham na escola, por isso existe ainda hoje grande desistência na EJA. Falta também transporte público próximo das residências. Não há um grande apoio do poder público para a EJA, por isso são poucas escolas e transportes. É um desafio manter na escola aqueles que realmente querem estudar, assim como também os professores que precisam buscar formas de conseguir ajudar esses alunos a não desistirem dos seus sonhos.

Conforme já foi falado, as pessoas que buscam a EJA são da mesma classe social, são pessoas com dificuldades financeiras, são pessoas de classe desfavorecida, em que o que

ganham dá apenas para manter o básico para sobreviver como: pagar as contas de água, luz, aluguel e a alimentação e remédios para a família. Elas nem sempre tem condições de ter um momento de lazer em família, quase sempre vem de família onde os pais não tiveram nenhum estudo, tudo isso é levado em consideração quando esses alunos voltam para a escola. Essa realidade social dura que levou Paulo Freire a lutar para que o ensino chegasse a todos aqueles que mais precisam:

A compreensão dessa realidade levou Paulo Freire, ainda nos anos de 1960, a reconhecer o analfabetismo como uma questão não só pedagógica, mas também social e política. É a mesma sabedoria de Freire que nos mostra que educar a favor dos pobres é educar para a transformação da sociedade geradora da pobreza (Álvares, Barreto e Costa, 2006, p.15).

Por isso não se pode resolver o problema da EJA sem apoio de políticas públicas, a EJA precisa de mais apoio dos governantes, precisa de recursos financeiros para os alunos e alunas ficarem na escola, precisa de transporte.

Além disso, a EJA precisa desse ensino que o Paulo Freire defendia, um ensino para transformar a sociedade. Paulo Freire acreditava em uma educação libertadora em favor dos pobres, em seu livro *Pedagogia da autonomia* ele deixa algumas reflexões importantes para o docente. Ele explica que o ensino deve levar os alunos e alunas a pensar criticamente transformando em pessoas críticas, que sabem lutar pelos seus direitos. *Pedagogia da autonomia* do Paulo Freire, no meu ponto de vista, é um livro riquíssimo de detalhes importantes para quem vai se tornar um educador e que principalmente quem vai atuar na EJA. Nele Paulo Freire explica: “Educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (2017, p.28). E como conseguir um ensino dessa maneira? Seria necessário proporcionar uma formação de qualidade para os professores e professoras da EJA, que conhecessem o trabalho do Paulo Freire e então percebessem uma maneira mais crítica de ensinar na EJA.

Paulo Freire também nos ensina muito sobre o preconceito com que vivem as pessoas negras, pobres e muitas outras pessoas, pois o preconceito é vivido por elas e ainda não foi superado na sociedade. Tem uma parte no livro que Paulo Freire fala do preconceito, discriminação vividas por muitas pessoas:

Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque,

certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom-senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (Freire, 2017, p.37).

E com o Paulo Freire também aprendemos que ensinar não é transferir o conhecimento, conteúdos aos alunos, pois não se aprende memorizando, ensinar é quando o professor ou professora se esforça para trazer para a sala de aula conteúdos que fazem sentido para os alunos de forma que eles possam pensar de forma crítica como resolver, como aprender determinadas atividades, e o professor está ali para auxiliar, para ajudar e também para aprender com os alunos e alunas.

2.2. Os idosos na EJA

Quando se fala da primeira fase da EJA (1º ao 5º ano do ensino fundamental) que é o campo de trabalho das pedagogas e pedagogos na EJA temos pessoas mais velhas dentro das salas. Isso eu percebi no estágio em EJA no 6º período.

Conforme dados do PNAD (2023), apontados no capítulo 1, no Brasil as pessoas mais velhas fazem parte do maior número de analfabetos, pois o analfabetismo está diretamente ligado à idade. Isso significa que o número de pessoas que não sabem ler e escrever é maior entre as pessoas idosas, com mais de 60 anos. Em 2023 tínhamos mais de 5 milhões de analfabetos idosos no Brasil (Brasil, 2023).

Abaixo podemos observar a diferença entre as taxas de analfabetismo conforme a idade:

Taxa de analfabetismo		
	15 anos ou mais	60 anos ou mais
2016	6,7%	20,5%
2022	5,6%	16,0%
2023	5,4%	15,4%

Figura 5: Taxa de analfabetismo (2016-2022-2023).

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2023.

As diferenças que mostram os idosos como o maior grupo de analfabetos tem a ver com o fato de que quando essas pessoas eram crianças a escola não era acessível como hoje e, também, as crianças nas décadas passadas não tinham amparo e proteção do governo para estudar.

Mas o que esses idosos buscam na EJA? Quais os principais desafios enfrentados? Para abordar o tema consultamos uma pesquisa realizada por Coura, Eiterer e Soares (2023) pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG com alguns idosos da EJA sobre o que motivaram essas pessoas a voltarem a estudar. Os 7 participantes eram de Belo Horizonte, 4 mulheres e 3 homens com idade de 60 a 81 anos.

Segundo a pesquisa de Coura, Eiterer e Soares (2023), a maioria dos idosos buscam a EJA por motivos diferentes dos mais jovens, os novos procuram se qualificar para conseguir um melhor trabalho, os idosos buscam a socialização, compartilhar bons momentos de vida, fazer parte de uma comunidade escolar e também para adquirir conhecimentos para melhorar a sua vida no dia a dia: pegar um ônibus, mexer no celular, ler a bíblia, ir ao mercado sozinhos. Na escola eles buscam um lugar para fazer amizades, sair da solidão, ter amigos, ou viver a escola que não podiam na infância.

Muitos idosos buscam a Eja para aprender a ler e escrever, pois só assim eles poderão fazer sua lista de compras sem depender de ninguém, ler um livro, algo que pode parecer tão simples para quem já sabe, mas que para essas pessoas tem enorme valor, pois sempre sonharam em aprender a ler e escrever.

Então, a EJA proporciona aos alunos e alunas a oportunidade de adquirir o conhecimento, descobrir uma coisa nova que não sabiam, pois durante toda vida precisaram deixar os estudos para trabalhar e para ajudar no sustento da família e então só na idade de 60 anos ou mais eles conseguiram finalmente estar em uma sala de aula.

A pesquisa de Coura, Eiterer e Soares (2023, p. 291) mostra que para esses idosos a escola é um compromisso muito importante:

Durante as entrevistas, os idosos faziam questão de ressaltar sua presença frequente nas aulas. Ainda que tivessem que enfrentar certos desafios, frequentar a escola era tido por eles como uma atividade prioritária. Até mesmo aqueles que participavam de alguma outra atividade destinada a pessoas com mais de 60 anos, como prática de exercícios físicos, como era o

caso de Claudina e Perpétua, afirmavam que, se um dia tivessem que escolher entre os dois compromissos, seria na escola que continuariam.

Alguns alunos e alunas que foram entrevistados por Coura, Eiterer e Soares (2023), demonstraram uma gratidão enorme pelo carinho e o cuidado que receberam na escola de EJA, eles consideram que o momento que estão ali é como um momento muito especial em que se sentem realizados, pois na escola eles esquecem todos os problemas da vida e ficam envolvidos nas aulas. Para eles, a escola é um lugar de valorização também, pois se fora dela eles são esquecidos e ignorados, dentro da escola podem ter uma autoestima, oportunidades de fazer coisas diferentes, como fazer visitas com a turma, usar computadores, participar de confraternizações sem precisar gastar do seu próprio bolso. Na escola eles têm muitos aprendizados e conhecimentos para ter melhor qualidade de vida também, eles aprendem mais sobre saúde e alimentação, por exemplo.

Conseguí observar essa realidade durante o meu estágio em EJA, no 6º período, na Escola Camila Scaliz em Aparecida de Goiânia. Conversei, certo dia, com uma senhora aluna que me disse que voltou para escola, porque se sentia muito sozinha, pois seus filhos já estavam todos casados, não tinha esposo mais e na escola ela encontrou carinho, atenção e muitos amigos para socializar e trocar ideias. Disse ainda que mesmo quando não tivesse mais aulas, ela ia continuar indo à escola visitar os amigos que fez durante os estudos. Essa senhora reforçou que dentro de casa estava quase entrando em depressão por não ter com quem conversar, a escola para ela foi como um remédio, um espaço onde ela alcançou muitos objetivos, compartilhou bons momentos de sua vida e conseguiu realizar parte dos seus sonhos.

Nas palavras de Coura, Eiterer e Soares (2023, p. 292): “Os estudantes ressaltaram a oportunidade de ir à escola como um momento de cuidado terapêutico”.

Para os idosos também foi citado o prazer de alcançar boas notas, como disse a aluna Claudina de 81 anos: “[...] eu gosto muito de português. Não sei se desenvolvo bem o português, mas eu gosto muito de português, gosto de ciências, gosto das outras matérias. E a gente, a gente vibra muito com as notas, com as avaliações. Isso é muito bom!” (Coura, Eiterer e Soares, 2023, p. 293). Também o prazer e a curiosidade sobre aquilo que não aprenderam quando crianças e que era proibido, como explicou Isabel de 74 anos:

Ciências, só aprendi a ciência mais para o lado de botânica. Eu não aprendi o corpo humano. Mal você via assim, os membros, mas, a gente não aprofundava. Por exemplo, ainda mais eu que estudei em escola de irmã de caridade, eu não ia estudar aparelho genital. Essas coisas eu não ia estudar mesmo, né? Então vi muita diferença, muita mesmo. Mas, em compensação, para mim, foi assim uma curiosidade, um interesse, um prazer! (Coura, Eiterer e Soares, 2023, p. 292-293).

Outro motivo para estudar, para permanecer na escola na vida adulta é a relação afetiva que os alunos e alunas da EJA têm com os seus professores e professoras. Coura, Eiterer e Soares (2023) mostram como esses estudantes valorizam a amizade, essa nova relação entre estudante e docente:

[...] Os professores tudo beleza! Eles têm prazer de ensinar mesmo. Eu sinto assim, se eu não aprendi até hoje as coisas mais, é por dificuldade minha mesmo, porque eles ensinam bem. Eles têm prazer de ensinar! Todos são meus amigos! Aliás, até quando sai um, a gente sente falta, porque você vai acostumando. Aí sai e vem outros novos, né? Você faz novas amizades. (Raimundo, 70 anos) (p. 295).

Para Isabel de 74 anos a diferença na relação entre professor e aluno é muito grande da experiência de quando era criança para agora:

Ah, tem muita diferença! Porque no meu tempo o professor era aquela pessoa que você tinha medo. O professor era distante do aluno. Você para aproximar do professor, primeiro, que, pelo menos na minha escola tinha um tablado alto que ficava a professora, a mesa e a cadeira da professora. Então, a gente não entendia, né? Mas isso já era uma forma de estar dizendo a diferença que existia entre o professor e o aluno, né? O quadro era um troço assim... Eu tinha medo de ir no quadro. Era uma coisa assim muito difícil. [...]. (Coura, Eiterer e Soares, 2023, p. 295).

Álvares, Barreto e Costa (2006) mostram que no tempo em que muitos idosos estudavam essa relação de medo prejudicava o aprendizado das crianças. É o caso de Luciene, que abandonou a escola ainda criança, depois de muitas reprovações: “Eu tinha medo de ir à escola, me dava um frio na barriga. Tentava prestar atenção na aula, mas entendia tudo pela metade. Tentei participar das aulas, algumas vezes, mas minhas perguntas sempre causavam risos e a professora nunca falava nada. Tinha vergonha de não saber!” (Álvares, Barreto e Costa, 2006, p.16).

Sobre os desafios que os idosos enfrentam para estudar, Alvares, Barreto e Costa (2006) falam que o medo de errar, de fracassar e de não saber algo vem do histórico que viveram no passado, quando eram crianças. Também existem os conflitos que eles vivem ao dividir a sala da EJA com estudantes mais jovens. Os alunos idosos têm outra cultura, outra visão da escola e ficam desanimados com os problemas que surgem dos conflitos com os mais novos da EJA (Haddad e Di Pierro, 2000). Ainda hoje os alunos e alunas da EJA por conta do medo de errar, que viveram e passaram na vida escolar ainda persiste interferindo na aprendizagem.

Outro desafio é que os idosos têm uma experiência de educação de muito tempo atrás e chegam na EJA querendo repetir essa experiência, podem ter mais dificuldades ou vergonha de fazer atividades novas e diferentes (Alvares, Barreto e Costa, 2006).

Coura, Eiterer e Soares (2023) apontam para a acessibilidade como um desafio enfrentado pelos idosos. Uma aluna da EJA entrevistada de 80 anos conta que não gostava de estudar no 3º andar pois tinha que pedir todos os dias para ligarem o elevador para chegar até a sala:

Sabe o que eu mudaria? Do terceiro para o primeiro andar. É lá o elevador, já foi falado para ver se eles deixam a partir das 17 horas para os idosos. Para mim, eu chego lá e peço o moço, ele liga o elevador, mas tem muita gente carente, precisada, sabe? E o elevador fica desligado. [...] Então agora foi pedido. Parece que o elevador vai ser ligado a partir das 17 horas. Porque nossa aula começa às 17h10min; e então a gente espera cá embaixo e se o elevador permanecer ligado, a partir das 17h até às 20h20min, que é a nossa aula, a gente vai ter oportunidade de descer para ir na cantina, mas são 10 minutos só (Coura, Eiterer e Soares, 2023, p. 297).

Para outros estudantes o horário do intervalo de 10 minutos é injusto, pois levam um maior tempo para sair da sala, lanchar, ir ao banheiro e conseguir voltar. Isso mostra que até o tempo de ir ao banheiro, andar, comer e voltar para uma pessoa mais velha pode ser mais demorado que para uma pessoa jovem (Coura, Eiterer e Soares, 2023). A educação não pode desconsiderar as especificidades de cada alunos e aluna da EJA, no caso dos idosos, tudo deve ser levado em conta para pensar o ensino da forma possível.

Outros desafios são os idosos que precisam de apoio das famílias para chegar até a escola, já que andar longas distâncias ou pegar ônibus para muito longe é mais desgastante para uma pessoa mais velha. Se a EJA fosse oferecida em mais escolas, os idosos teriam mais oportunidades de estudar perto de casa. Por outro lado, seria importante também que existisse um transporte público adequado para eles irem e voltarem da escola.

2.3: Os jovens negros na EJA

A maioria das pessoas da EJA é negra (Brasil, 2023). Conforme dados do PNAD (2023) quando contam os analfabetos do Brasil, a porcentagem de negros é o dobro da porcentagem de brancos. “No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo das pessoas de cor branca alcançou 8,6% e, entre as pessoas pretas ou pardas, chegou a 22,7%” (Brasil, 2023 p.2).

Sobre os jovens, são os jovens negros os que mais “desistem” de continuar a estudar e depois voltam para a EJA (Brasil, 2023). A frequência escolar dos jovens negros no ensino médio é mais baixa que a dos jovens brancos, “A frequência escolar líquida ao ensino médio

foi 80,5% para as pessoas brancas, enquanto para as pessoas pretas ou pardas, 71,5%” (Brasil, 2023).

Haddad e Di Pierro (2000) falam que a EJA está recebendo cada vez mais pessoas jovens que não conseguiram terminar os estudos, uma juvenilização e a maioria desses jovens são negros.

O documentário “Fora de Série” mostra depoimentos de pessoas negras do Ensino Médio da EJA. Para fazer o documentário, foi feita uma pesquisa feita pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense em 2017.

Além de serem pessoas de classe desfavorecida, os jovens negros do documentário sofreram muito preconceito, muito racismo desde a infância, dentro das escolas. Nos depoimentos vemos que eles não têm as mesmas oportunidades que as pessoas brancas têm, não são ouvidas e até mesmo alguns professores se calam diante de tamanha injustiça sofrida por essas pessoas no dia a dia da escola, como um pacto de branquitude.

O racismo é uma violência que marca a vida, prejudica e causa muito sofrimento aos jovens negros e causa impactos na aprendizagem. Com o acolhimento na EJA, alguns jovens conseguem entender o que passaram e até mesmo fazer a diferença na vida de outras pessoas negras. Este é o caso da Tamiris Sousa, uma aluna negra que sofreu racismo de colegas, não foi apoiada pelos professores do Ensino Fundamental regular e ficou mais de dois anos fora da escola. Somente fora da escola que ela entende o que aconteceu. Agora, de volta e na EJA, reconhece o preconceito vivido e passar a usar o seu caso para ajudar outras pessoas, ela participa de campanhas contra o bullying:

O meu ensino fundamental, ele teve muito preconceito... com a minha cor. Eu até chorei, porque alguns alunos me chamavam de um apelido horrível, que eu não gostava de “macaca”. Era um apelido horrível, era um preconceito que só Deus! Aí eu chorava..., entendeu? aí minha mãe falava: “Não liga, não, é assim mesmo”. Mas tinha preconceito por causa da minha cor, entendeu? A professora falava que isso não é o caso, mas eu tive muito preconceito, eu sofri muito...na escola, no fundamental. Até quando criança eu sofri muito por causa da minha cor. Entendeu?

O descaso da escola foi tão grande com o racismo, que Tamiris tentou resolver a situação sozinha, pela violência: “Pra tu ver que eu já briguei, já bati na menina, já... praticamente, eu quebrei a cara da menina. Peguei a cabeça dela e bati no bebedouro!” (2017, s/p). Mas isso não funciona e ela deixa a escola: “Tinha uma revolta horrorosa, dentro de mim, uma revolta. Aí eu fiquei dois anos sem ir pra escola. Mas depois que eu saí da escola eu conheci uma campanha chamada Bullying...” (2017, s/p).

Outro depoimento que chama a nossa atenção no documentário é do jovem negro Alexandre Nascimento Guimarães, “sempre fui muito revoltado, tinha muito dificuldade, já saí de casa diversas vezes é, nessas idas e vindas, saia também da escola” (2017, s/p). Além das condições difíceis na sua família, em sua casa, ele não se sentia acolhido na escola, por isso também sentia a “revolta” que a Tamiris relata.

[...] na infância que morávamos todos em Santa Tereza, todos os tios moravam juntos numa mesma casa, então era um ajudando o outro um dando apoio ao outro, minha mãe tinha dois empregos tinha 3, 4 filhos pequenos então precisava-se de um apoio familiar ou até mesmo de amigos (2017, s/p).

Além dessa realidade dura de uma família negra em uma comunidade no Rio de Janeiro, o Alexandre conta que é difícil lidar com o racismo e o preconceito o tempo todo:

Você vê um morador da comunidade você ver negro é bandido, você vê tem todo o jeito da cultura local, pronto ele é tratado como um marginal. Dentro da comunidade você sabe quem é quem, mas quando você sai, pronto você é marginalizado, a partir do momento que você mora na comunidade e que você é negro já é o suficiente pra você ser discriminado, até mesmo dentro da sua própria comunidade. Fora dela então...[...] Como se a cor da minha pele fosse uma doença, como se fosse algo do tipo... Pra mim na época, eu não entendia, não sabia o que estava acontecendo, a primeira vez que você tem contato com o preconceito, que você é tratado dessa forma, não sabe muito bem nem como reagir, como lidar com a situação. (2017, s/p).

O relato do Alexandre mostra que as pessoas brancas dentro da comunidade, mesmo pobres e enfrentando dificuldades, vão ser mais bem tratadas, vão ter mais oportunidades que as pessoas negras. E fora o preconceito que é ainda maior.

Alexandre também sofreu racismo dentro da escola, por uma professora quando tinha entre 7 e 10 anos: “acho que nunca vou esquecer isso, você ser agredido, ela falando “ sai daí, neguinho!” e ela me taca o apagador, se eu fosse branco ela faria isso? Ela diria “ô sai daí, neguinho?”” (2017, s/p). Na época, o Alexandre não compreendia que isso era racismo: “[...] eu não sabia, a palavra “racismo”, “preconceito”, fui entender bem mais para frente, como falei não tinha essa informação. Era só algo diferente, algo novo, algo que nunca tinha acontecido. Leva um certo tempo pra você saber o que é racismo, o preconceito”.

Mesmo sem saber o que significado dessas palavras ele desde pequeno entendia o que era ser tratado com diferença:

Essa noção de diferença, você já tem logo no começo, mas o porquê você só vai entender com o tempo. Você trata a pessoa bem, indiferente de qualquer coisa, e a pessoa te trata mal, tá sempre desfazendo de você querendo te excluir, fazendo piadinhas, pra te humilhar perante às outras pessoas e você não consegue entender o porquê. Aí de repente: “Pô, cara é porque eu sou preto, ele tá falando isso por que eu sou negro, cara”. Mas aí já foi, já passou,

surgem novas situações, você começa a observar as coisas em volta e vai aprendendo lidar com a situação ou ser indiferente a ela.

Por meio de histórias como da Tamiris e do Alexandre percebemos que um dos desafios enfrentados por pessoas negras para estudar, além da condição socioeconômica, é o racismo dentro da escola, o preconceito e até a indiferença da equipe escolar em resolver o problema.

Para entender melhor sobre os desafios da juventude negra na EJA, analisamos a pesquisa “Juventude negra na EJA: para além de uma educação compensatória” feita por Nilma Lino Gomes e Natalino Neves da Silva (2018) na cidade de Belo Horizonte. A pesquisa teve como objetivo entender a realidade de jovens negros na EJA, foram entrevistados 6 jovens, três homens e três mulheres que tinham idade de 15 a 24 anos. Os seis eram estudantes de uma escola municipal de Belo Horizonte.

Nas palavras de Gomes e Silva (2018, p. 117):

Optamos por focalizar o segmento juvenil negro, uma vez que, esse é o segmento da população que apresenta elevados índices de evasão escolar, defasagem idade/série, dificuldades na inserção no mercado de trabalho, alta incidência de mortalidade por armas de fogo (genocídio da juventude negra), privação de acesso aos bens simbólicos e materiais, vivência do racismo e da discriminação racial, entre outros. Esse quadro complexo nos leva ponderar que jovens negros (as) constroem suas trajetórias de vida e escolar de maneira muito acidentada. Esta situação de exclusão social e escolar pode estar desencadeando outro tipo de retorno desse público na busca de um lugar nos bancos escolares, sobretudo, na EJA. Um retorno marcado por trajetórias de desigualdade e de resistência.

Por essa introdução já descobrimos muitos desafios de vida enfrentados por jovens negros: a) dificuldade de inserção no mercado de trabalho: na história de vida de Alexandre, do documentário “Fora de Série” (2017) ele comenta que as pessoas não dão oportunidades de trabalho para os jovens negros da periferia, eles são vistos como marginais; b) alta incidência de mortalidade por armas de fogo: jovens negros são os mais mortos pela polícia; c) privação de acesso aos bens simbólicos e materiais: são jovens de famílias que passam por muitas dificuldades financeiras e sem oportunidades fora de casa ficam excluídos, sem saídas; e d) vivência de racismo: racismo dentro da escola e fora dela também.

Conforme a pesquisa de Gomes e Silva (2018) os jovens negros e negras reconhecem a educação como parte importante da sua vida, social e profissional, mas para eles o ensino regular é melhor que o ensino recebido na EJA. Os desafios para estudar na EJA apontados por esses alunos e alunas foram: a) falta de compromisso deles mesmos com os estudos, por ser na EJA e não ter aquela cobrança do ensino regular; b) conflitos entre eles e as pessoas mais velhas da EJA; c) abordagem didática inadequada para jovens; d) sentimento de viver “fora do lugar”

na EJA e na sociedade. Podemos refletir que quando os jovens negros falam que eles mesmos não têm compromisso com os estudos é preciso lembrar que a realidade em que eles vivem é muito dura e desigual, não é possível avaliar que os estudos dependem só do compromisso e interesse deles. Existem muitos outros obstáculos para estudar.

Podemos refletir que os jovens que chegam à escola para estudar na EJA, se sentem fora do seu ambiente onde são acostumados, pois a educação de Jovens e adultos tem muitas pessoas idosas que não conseguiram estudar no tempo adequado e na fase adulta buscam a EJA para estudar. O aumento da juvenilização da EJA acontece em um ambiente de educação de adultos que não está preparado para receber pessoas mais novas.

A EJA é um direito para todos, mas nem sempre os jovens são vistos como alunos e alunas que estão ali para estudar e para aprender, principalmente quando se trata de pessoas idosas que muitas das vezes julgam esses jovens, pensam que eles estão ali, mas não querem aprender e isso acaba gerando um conflito entre eles conforme vemos nos depoimentos abaixo:

O jeito dos adultos pensar e agir são diferentes e os jovens têm um modo de pensar diferente das pessoas de antigamente. A relação entre os jovens e os adultos na sala? Pouquíssima, porque você vê aqueles meninos todos juntos as senhoras perdem a paciência né. Hoje mesmo uma delas deu graças a Deus por um jovem ter ido embora (risos) (Carolina, jovem autodeclarada parda, estudante da EJA) (Gomes e Silva, 2018, p. 120).

Para outro jovem entrevistado, a EJA não dá preferência para os mais novos:

Dentro de sala a preferência não é nossa, a preferência é dos mais velhos. Porque não era para a gente estar lá e aí vai haver um preconceito que sempre tem né. Para os professores os mais velhos têm mais cabeça e responsabilidade e geralmente tem, mas nem sempre é o que eles pensam que a maioria dos jovens apronta e faz bagunça. Acho que é uma grande diferença porque já conheço aquelas matérias então se eu falar lá vamos fazer outra coisa que isso eu sei não vai adiantar e que os adultos também têm que aprender. Então tenho que ficar lá prestando atenção e rever aquela matéria. Eu acho que não é muito bom, mas se não dei valor antes agora tenho que pagar então agora eu tenho que estudar mesmo e cumprir a minha missão lá, mas ficar vendo a mesma coisa, um ano inteiro não é muito bom, (risos). (Milton, jovem autodeclarado preto, estudante da EJA, grifos nossos) (Gomes e Silva, 2018, p. 120- 121).

As pessoas negras de classe menos favorecidas, alunos jovens que desistiram de estudar para trabalhar, muitas vezes no trabalho informal, precisam estudar para ter um trabalho melhor, de carteira assinada, para serem reconhecidos na sociedade, e em busca disso voltam para a escola para estudar. Mas ao buscar a EJA, eles veem que não é a mesma coisa, não é a mesma escola que viveram, a linguagem não é a mesma, a didática não é a mesma, os colegas não são

os mesmos. As pessoas que são de idades mais avançadas muitas vezes acham que por serem mais velhos têm mais compromisso no estudo, precisam ser mais consideradas na sala, pensam que os jovens estão ali só para brincar e isso acaba gerando conflitos entre eles. Os mais jovens também podem ser preconceituosos com os mais velhos, agirem sem paciência, sem consideração ao tempo e ao ritmo deles.

Mas sabemos que os jovens negros precisam ser acolhidos, precisam ser incluídos no trabalho com mais dignidade e oportunidades, por isso a EJA terá que enfrentar esse desafio. Esses jovens negros já lidam com o racismo na sociedade, se eles não tiverem estudo jamais terão oportunidades de desenvolvimento, para os jovens negros o estudo é importantíssimo, algo que eles precisam alcançar para viver melhor, contribuir com a família, terem um futuro.

Sobre as razões para voltar a estudar, no caso dos jovens negros é por conta do trabalho, do preconceito, da dificuldade de terem oportunidades melhores de emprego: “a orientação de “fazer a coisa certa”, ou da escolaridade como possibilidade de realização profissional fazem parte de seu horizonte.” (Gomes e Silva, 2018, p.124). Esses jovens recorrem a escola pelas “duras condições de vida e de luta pela sobrevivência.” (Gomes e Silva, 2018, p.124).

Infelizmente muitos jovens negros são empurrados para a EJA, segundo Gomes e Silva (2018) a escola regular tem expulsado esses alunos negros, principalmente meninos, por preconceito, por racismo, por as escolas serem pressionadas a darem atenção apenas a provas, avaliações e não a vida desses estudantes.

O racismo na escola começa desde cedo. Durante o estágio em Ensino Fundamental Anos Iniciais no curso de Pedagogia Bilíngue eu escutei o relato de duas colegas estagiárias sobre a seguinte situação: Elas contaram que na turma que elas estavam estagiando tinha duas crianças uma branca e uma negra, e pela forma com que a professora tratava essas crianças era possível perceber o preconceito contra a criança negra. A professora proibia a criança de pele preta de fazer quase tudo, já a criança branca podia fazer o que queria em sala. Isto só nos mostra como ainda hoje o preconceito existe, mesmo dentro das escolas, e precisa todo dia ser combatido. Essas crianças negras têm menos chances de terminarem os estudos com tanto racismo sofrido, até mesmo por docentes.

Os jovens da pesquisa de Gomes e Silva (2018) reconhecem também o racismo na vida deles:

Interfere! Em alguns casos interfere ainda mais em pessoas da pele negra. Tem muita gente preconceituosa o emprego e essas coisas assim [...], acho que é muito preconceito com as pessoas da pele (pausa) é cor negra. (Carolina, jovem autodeclarada parda, estudante da EJA)
Moro na favela, sou preto, aí eu acho que tem. Para todo mundo, para as pessoas lá embaixo, a raça mora lá na favela, ele é preto. Por ser jovem na

[EJA] há preconceito, por ser homem há falta de oportunidade e por ser negro então é muito preconceito, mas a gente tem que levar. (Milton, jovem autodeclarado preto, estudante da EJA, grifos nossos). (Gomes e Silva, 2018, p. 125).

Para a jovem Lélia, esse assunto deveria ser mais tratado na EJA também:

Ah, que eu sou negra mesmo né, eu assumo que eu sou negra e essa construção identitária ocorreu na família né. Noutra escola que eu já estudei teve alguns trabalhos falando sobre o racismo, o preconceito essas coisas assim. Aqui na EJA não teve ainda não, eu acho importante sim, dentro das escolas tem que estudar mais isso. Na escola mesmo, quando eu era pequena eu já sofri [discriminação racial] Aí eu fiquei chateada. Eu tinha uns quatro anos aí eu contava tudo para minha mãe (risos). A minha mãe ia lá na escola e a professora ficava sem saber o que fazer, eles não sabem como reagir na hora. Mas é coisa de criança aí fez o menino me pedir desculpas essas coisas assim que professor faz, pede na hora. Eu acho que sempre vai ter isso no mundo, por mais que a pessoa fala que tem pessoa que é racista e por mais que ela fale que não é. (Lélia, jovem autodeclarada preta, estudante da EJA, grifos nossos) (Gomes e Silva, 2018, p. 125-126).

Um dos alunos jovens da EJA explica a diferença de oportunidade entre brancos e negros:

Existe uma grande diferença, o jovem negro não tem muita oportunidade de seguir em frente, geralmente o meio mais rápido de assim você ficar bem é você ficar aí na favela mesmo né, geralmente é assim. E o branco não, o branco tem mais oportunidade né. É porque tem muito preconceito hoje em dia e o pessoal olha muito isso, como eu te falei se o cara for o negro as pessoas acham que ele mora lá na favela e acham que ele não tem condição agora o cara branco ele tem condição. Então eu acho que branco tem mais condição do que o negro porque as pessoas pensam assim. (Milton, jovem autodeclarado preto, estudante da EJA, grifos nossos) (Gomes e Silva, 2018, p. 126-127).

Para Gomes e Silva (2018) seria importante que a EJA escutasse o que os jovens tem a dizer, valorizasse os conteúdos que tem a ver com a vida dos jovens negros, que esses debates aparecessem nas aulas, que a cultura afro-brasileira também fosse mais fortalecida: “Nesse caso, a valorização da cultura afro-brasileira e africana incluída nesses documentos, além de orientar determinada concepção de EJA, pode ser considerada como um importante passo na construção do direito à educação aliado ao direito à diversidade” (p.122).

Os jovens negros da EJA reclamam que os temas da vida deles não aparecem na EJA:

Eles (elas) reivindicam e desejam uma EJA mais humana, que se importe com eles (elas), que dialogue e entenda a sua condição juvenil e racial. Identificam, também, a tensão vivida por essa modalidade entre se constituir como um direito ou continuar reforçando a ideia de educação compensatória, que não atende as necessidades sociais e raciais juvenis (Gomes e Silva, p. 127).

A EJA precisa ser um direito para os jovens também, principalmente os jovens negros, e oferecer uma educação de melhor qualidade. É na EJA que esses alunos e alunas vão alcançar uma melhor qualificação para o trabalho e formação para a vida, percebemos que a luta do povo negro no Brasil é grande, ainda hoje precisam lutar muito para não serem excluídos de muitos empregos e da escola (Gomes e Silva, 2018).

2.4: As mulheres na EJA

Conforme dados do PNAD (2023) que mostramos no capítulo 1, sabemos que entre os analfabetos mais jovens, a maioria são homens, já quando vemos pessoas analfabetas mais velhas, a maioria são mulheres. Isso porque antigamente, por causa do machismo muitas mulheres não podiam estudar.

Hoje, muitas dessas mulheres que não aprenderam a ler, principalmente as mais velhas, voltam para a EJA.

As mulheres são como a Esmeralda, do texto de Costa, Alvares e Barreto:

Esmeralda é mineira de Montes Claros. Foi criada pela avó que só colocou a menina na escola, quando ela já tinha 10 anos. Esmeralda parecia imensa ao lado de seus colegas de menos idade. Isso era motivo de muita gozação. A professora parecia ensinar bastante, mas ela aprendia pouco. Foi reprovada duas vezes na mesma série e sua avó achou que ela não dava para o estudo. Casou com 16 anos e logo vieram os filhos: Jacira, Helena, Selma, Geraldo, Benedito, Graça e Aparecida. Cuidar da casa e dos filhos consumiu todo seu tempo. Mas, os meninos foram à escola: Graça é professora, Benedito e Geraldo são motoristas, Jacira trabalha num escritório como secretária e Aparecida está no colegial. Com os filhos criados e viúva, Esmeralda descobriu que podia realizar um dos seus sonhos: ir à escola para aprender o que sempre quis: ler, escrever, entender tudo que escuta, fazer as contas do que gastar e muitas coisas mais. Ajudada pelos filhos, saiu à procura da escola mais perto de sua casa. E está muito feliz, dizendo que estudar “é melhor do que podia imaginar.” (Álvares, Barreto e Costa, 2006 p.4).

A história de Esmeralda é como a de muitas mulheres que encontramos na EJA, muitas vezes ouvimos histórias parecidas no estágio em EJA no 6º Período do Curso de Pedagogia Bilíngue.

De acordo com Barreto, Alvares e Costa (2006) os homens que não terminaram os estudos conseguem ir para a EJA mais cedo, voltar para a escola mais cedo, mas as mulheres não, muitas só voltam depois que os filhos estão criados, adultos.

Pela história da Esmeralda vemos que uma das razões para as mulheres voltarem a estudar é conseguir autonomia, não ficar dependendo dos outros. Elas querem ler e entender as

coisas sozinhas, fazerem suas compras no mercado sabendo das contas, não serem dependentes de filhos ou do marido (Barreto, Alvares e Costa, 2006).

As mulheres também voltam para a escola para realizar um sonho que foi muitas das vezes proibido para elas, que é estudar. Muitas foram proibidas por um pensamento machista e também por precisarem trabalhar desde cedo, são mulheres de classe social desfavorecida. Isso aparece na vida de Clarice Souza do documentário “Fora de Série”:

Teve um dia que eu me lembro que eu botei minha mochila preta, minha mãe fez uma roupa linda pra mim, a minha mãe costura. Ela tinha feito um shortinho e uma blusinha para mim... Eu botei a roupa, peguei a mochila, que era preta com pink, e botei nas costas. Quando eu boto o pezinho fora da porta meu padrasto vem: “Tu vai pra onde?” Eu falei: “Papai, eu vou para o colégio, eu vou pra escola”. Ele falou: “Pode tirar a bolsinha das costas, pode guardar a mochila e ir trabalhar”. Lá vou eu... Tirei meu material, fui guardar lá dentro revoltada, desesperada, com vontade de chorar, mas não podia chorar, porque ele brigava, brigava mesmo. Tirei minha mochilinha, guardei peguei um facão grande, e fui talhar cana pra dar para o gado comer que era para gente ter o leite da fazenda para vender, era assim. Eu nunca esqueci aquela cena... Eu tinha 12 anos de idade (Fora de Série, 2017, s/p).

Muitas mulheres não estudaram porque precisam trabalhar, mas não foi só isso. Muitas não estudaram porque foram proibidas pelo pai, padrasto, marido ou companheiro (Eiterer, Dias e Coura, 2014).

Até hoje este é um dos desafios que as mulheres enfrentam quando voltam para a escola, é o que mostra a pesquisa de Eiterer, Dias, Coura (2014). A pesquisa foi feita em uma cidade de Minas Gerais, em escolas de EJA, participaram 14 mulheres, a maioria negras. O machismo aparece nos relatos das mulheres:

“Ah, o marido não achou muita graça não, sabe? Não sei porque, mas, não gostou muito não, mas eu falei: “ah não”, me proibir de estudar? Trabalhar, ninguém proíbe, né? Por que é uma coisa pro meu bem, né? Não é uma coisa assim... Que não tem necessidade! Tem necessidade! Não achou muito bom não... (Rosângela, 33 anos).

Meu marido não gostou nem um pouco, ele não criticava não, mas ele não gostou. Não gostou porque ficou falando quem que ia ficar com os meninos, que os meninos ficavam o dia inteiro sem eu, porque eu ficava o dia todo fora e os meninos o dia todo fora, e que só via eles de manhã porque às vezes de noite eles já estavam dormindo. (Leia, 38 anos).

Quando eu falei assim: ô vou estudar. O marido nossa, ficou nervoso e me xingou. Porque eles pensaram no seguinte, pensaram na janta e na casa arrumada. Eles [filhos] não gostaram que eu voltei pra escola não, [...] e eu falei vocês gostando ou não eu vou continuar estudando. (Joana, 38 anos)” (Eiterer, Dias e Costa, 2014, p.170).

É possível ver através dos depoimentos acima que mesmo com os direitos que as mulheres já têm de estudar ainda assim é difícil receber apoio da parte dos maridos, ou seja o machismo ainda hoje é visível em muitas famílias (Eiterer,Dias e Costa, 2014).

Os relatos também mostram que outro desafio para as mulheres estudarem é ter que cuidar da casa, limpar, cozinhar, cuidar dos filhos, às vezes até dos netos. Isso também vem do machismo, de se pensar que a mulher precisa dar conta de tudo sozinha. Na pesquisa de Eiterer, Dias e Costa (2014), as mulheres dizem que muitas vezes para elas voltarem a estudar é difícil conciliar o trabalho doméstico com os estudos. Como os cuidados com a casa demanda muito tempo elas acabam por deixar os estudos para cuidar dos afazeres de casa e cuidar dos filhos:

“Olha, tem vez que o L. me ajuda, mas tem vez que não. Agora mesmo, só quando ele quer. Homem é assim né, só faz quando quer” (Laura, 25 anos) (Eiterer,Dias e Costa, 2014, p.168).

“E aí eu arrumei esse outro menino e tal, e aquilo, eu fui agarrando ali, cuidando de menino, de casa e tudo e aí eu nem lembrei mais que existia estudo”. (Rosângela, 33 anos).(Eiterer,Dias e Costa, 2014, p.169).

“Às vezes me dava vontade de voltar a estudar, mas ia embora rápido. Porque a situação só me levava a pensar em quê? Trabalhar, trabalhar, pra pelo menos ajudar a manter”. (Joana, 38 anos). (Eiterer,Dias e Costa, 2014, p.170).

Elas também falam que voltar a estudar gera brigas em casa, até separações, pois alguns companheiros não respeitam o desejo e o sonho dessas mulheres (Eiterer, Dias e Coura, 2014). Os companheiros demonstram ter medo da autonomia e da emancipação das mulheres, como se as mulheres precisassem ser dependentes deles para o relacionamento dar certo.

De acordo com as autoras:

Nos depoimentos das mulheres, a gestação, os cuidados com os filhos e a família constam frequentemente entre as principais razões apresentadas para o afastamento precoce da escola. Não podemos, contudo, desconsiderar o poder que exerceu a submissão ao pai ou ao marido entre estas razões (Eiterer, Dias e Costa, 2014, p.170).

Outro desafio que aparece na vida de algumas mulheres para voltar a estudar é o trabalho também. As mulheres da EJA são maioria negras e trabalham como empregadas domésticas (Eiterer, Dias e Costa, 2014). Elas ficam muito cansadas, ganham pouco e ainda tem patrões e patroas que não liberam para que possam estudar.

E as mulheres mais novas que voltam a estudar, mesmo com muita dificuldade, fazem isso para conseguirem emprego melhor, tentarem sair do trabalho doméstico, darem um futuro melhor para os seus filhos. Mas até mesmo para o trabalho doméstico elas precisam ler e escrever. Para Eiterer, Dias e Coura (2014) o trabalho doméstico hoje em dia exige um pouco

mais delas, pois em alguns casos são elas as responsáveis por fazer a lista de compras, anotar recados, pagar contas, às vezes contratar outras pessoas para realizar algum outro trabalho, e com isso é necessário que elas tenham um pouco mais de conhecimento.

2.5: As pessoas surdas na EJA

A EJA também recebe pessoas com necessidades educativas específicas, porque essas pessoas quando eram crianças não foram para a escola ou não conseguiram terminar os estudos por falta de apoio adequado. Neste TCC vamos dar prioridade para falar das pessoas surdas, pois o curso é de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras). Por esse motivo, buscamos saber um pouco mais sobre a educação de jovens e adultos surdos.

A pesquisa que consultamos para responder os motivos e desafios dos surdos da EJA é de Ana Luiza Paganelli Caldas, autora surda. A pesquisa foi feita em Porto Alegre na EJA, em 2016, foram ouvidos três professores ouvintes e um surdo que trabalhavam com alunos surdos.

A pesquisadora Caldas é uma mulher surda e ela conta que foi muito difícil conseguir terminar os estudos em sua vida e se tornar uma pesquisadora. Ela fez magistério, Pedagogia, Pós na área da Educação, depois mestrado e doutorado. Sendo uma pessoa surda, isso não foi fácil, pois quando começou a estudar não existiam leis que davam direitos para as pessoas surdas. Ela conseguiu por ter muito apoio da família e dos amigos (Caldas, 2016).

Por isso, um dos primeiros desafios para uma pessoa surda estudar é não ter seus direitos respeitados, não ter intérprete, não ter a Libras respeitada (Caldas, 2016). Outro desafio é o apoio da família, os surdos precisam que as famílias ajudem, principalmente quando não sabem a libras ainda e algumas famílias de ouvintes não apoiam os surdos (Caldas, 2016).

A escola é muito importante para o surdo, pois pode ser o único lugar em que ele vai aprender a sua língua, a Libras. Se uma pessoa ouvinte não vai para a escola, ela aprende mesmo assim o português, mas uma pessoa surda filha de pais ouvintes pode ficar sem desenvolver a sua própria língua. “A escola deve ser um elemento transformador. A isso, acrescentaríamos: deve sê-lo de modo especial para o surdo, mais do que qualquer outra criança ouvinte [...]”. (ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE SURDOS BILÍNGUE SALOMÃO WATNICK, 2010, p. 200 apud Caldas, 2016, p. 47).

Um desafio apresentado para os surdos na EJA é ter professores surdos também para aprenderem mais da sua cultura e da sua língua. Ter uma professora surda como a Caldas com grande experiência e muito conhecimento na Libras e em educação de surdos atuando na EJA é muito importante para os alunos e alunas surdos, pois assim eles têm a oportunidade de

aprender mais, de ampliar seus conhecimentos na Libras que é a sua primeira língua porque nem todos tem conhecimento ou prática na libras.

E o que é melhor é que podem aprender com uma professora surda atuando na educação de Jovens e Adultos surdos. No curso de Pedagogia Bilíngue do IFG é muito importante termos convivência e aprendermos mais sobre os surdos e a cultura surda com professores surdos, pois foi muito importante para o nosso aprendizado, se para nós (ouvintes) foi importante, para os alunos surdos é maior ainda. Um exemplo, é o professor Diego Leonardo Pereira Vaz, professor surdo do referido curso. A presença dele é importante para que os alunos surdos tenham uma referência, um incentivo de que eles são capazes, já que tem um professor que é surdo e conseguiu vencer os obstáculos que a sociedade impõe.

No nosso curso, as pessoas ouvintes também têm a oportunidade de aprender e saber como se comunicar com o surdo pois assim o meio de comunicação entre o surdo e o ouvinte se torna mais amplo, pois muitas vezes por não saber como se comunicar com os surdos, os ouvintes não procuram interagir com eles, além de poder contribuir muito mais para o aprendizado desses alunos. Digo isso por minha própria experiência enquanto ouvinte, que no início do curso jamais procurei ter contato com os surdos, embora eu tivesse vontade de me comunicar com eles eu não sabia como agir e como falar. Então é muito difícil quando não se tem o conhecimento da Libras, por isso, fiquei afastada. Isso acontece com os surdos adultos na nossa sociedade, eles podem ficar isolados se a Libras não for ensinada também para os ouvintes.

O isolamento é ainda maior para os surdos que não sabem libras. Por isso, outro desafio que uma pessoa jovem ou adulta surda passa na EJA é não saber a Libras e nem o Português escrito. Caldas (2016), relata que durante o período em que dava aula para alunos e alunas surdos na EJA, percebeu que muitos adultos surdos não conseguiam ler e escrever português, mas ao mesmo tempo não sabiam a Libras, se comunicavam apenas através de gestos o que a deixou muito incomodada pensando na exclusão desse surdo, algo que ela já vivenciou de perto já que ela também é uma pessoa surda, lutou muito para estudar, e ainda hoje tem dificuldades em compreender bem o português:

Durante minha experiência percebi que muitos adultos surdos não sabiam Libras, se comunicavam por gestos próprios e não sabiam ler e escrever Português. Eu também tenho muitas dificuldades em português, ainda hoje é difícil como segunda língua. Mas imagine o surdo adulto sem saber; como faz para se comunicar com o mundo ouvinte quando quer um pão na padaria, por exemplo? Por gestos, certo!” (Caldas, 2016, p. 48).

A pesquisadora Caldas (2016) pensa sobre o que se passa com ela e diz que se para ela é difícil o português como segunda língua mesmo formada, como viveria um surdo sem a Libras? Como conseguiria trabalhar e viver em sociedade? “como se comunicar para conseguir emprego e autonomia social?” (Caldas, 2016, p.48).

Por isso, uma das razões para o surdo voltar estudar é ser incluído na sociedade, conseguir autonomia e trabalhar. Sem aprender a Libras e o português fica impossível uma pessoa surda viver sozinha, ter seu próprio emprego e dinheiro (Caldas, 2016). A EJA para surdos em Porto Alegre é fruto de uma luta histórica, dos surdos de lá em busca dos seus direitos e autonomia:

A experiência escolar da EJA para surdos é fruto de uma luta histórica organizado pela comunidade surda, mas é também consequência do momento da história em que vive a sociedade, onde as “lentes” dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos constituem uma ressignificação no campo pedagógico” (Caldas, 2016, p.49).

Com a luta dos surdos foi construída a escola Salomão Watnick, em Porto Alegre - RS, foi essencial para os estudantes surdos e surdas pois a luta dos alunos da comunidade surda é pela construção de escolas bilíngues que atendam a sua cultura (Caldas, 2016).

A pesquisadora Caldas (2016) afirma que os professores concursados que trabalhavam com alunos surdos na escola de EJA eram professores que tinham muita experiência na área da educação de surdos com fluências em libras. Na mesma escola, a pesquisadora atuou em turmas de jovens e adultos que tinham entre 17 e 78 anos de idade. Esses alunos amavam o contato com a professora surda pois a experiência em ter uma professora surda com fluência em libras era muito importante para que os alunos e alunas surdos pudessem aprender melhor, esses estudantes surdos não tinham contato com a educação escolar e os que tinham era bem pouco, já que nem todos tem o apoio da família (Caldas, 2016).

Ao ler o estudo da Caldas (2016) percebemos que uma das principais razões do surdo voltar a estudar é alcançar os seus direitos, direito de ser surdo, direito a sua língua. E também direito de saber sobre qualquer assunto e não depender só da família para isso, ter sua identidade surda reconhecida e respeitada mesmo que a família seja contra, também ir para a escola significa conviver com uma comunidade como qualquer pessoa, mas que o surdo não tinha esse direito (Caldas, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como tema os sujeitos da EJA, seus desafios e razões para voltar a estudar.

Ao longo dessa jornada de estudos alcançamos muitos aprendizados. Na construção do primeiro capítulo aprendemos que ao longo da história do Brasil a EJA passou por muitas dificuldades. A EJA se iniciou no Brasil Colônia e se dava de forma missionária pelos jesuítas, no Império pouco ou quase nada foi realizado em favor da educação. No século XIX a educação estava na Constituição mas não passou da intenção legal, muitas pessoas não tinham direito de ir à escola, por exemplo, pessoas negras, indígenas e mulheres brancas (Haddad e Di Pierro, 2000; Stamatto, 2000; Louro, 2004).

A partir do século XX a sociedade se moderniza, se industrializa e esforços aparecem para a alfabetização. Um momento importante para a EJA é de 1959 a 1964 é chamado por Haddad e Di Pierro (2000) de “Período das luzes”. Foi uma época de ir em contra as antigas ideias e preconceitos com a educação de jovens e adultos, buscando reformar métodos para ensinar pessoas adultas. Assim a EJA, que começou a ser reconhecida e receber tratamento especial, com forma adequada de ensinar adultos sem infantilizar. Nessa época, Paulo Freire contribuiu com muitas mudanças. Teríamos uma maior contribuição do Paulo Freire para a EJA, mas foi interrompido com a ditadura militar e substituído pelo Mobral (Haddad e Di Pierro, 2000). A partir dos anos 1988, momento de redemocratização, temos outros programas para a EJA, mas com poucos recursos financeiros e atenção. Foram muitos anos de educadores e educadoras lutando por uma educação que pudesse favorecer as pessoas menos favorecidas e analfabetas. O resultado é que a EJA não conseguiu avançar o suficiente e hoje temos 9, 3 milhões de analfabetos, com 15 anos ou mais no Brasil, segundo o PNAD de 2023 (Brasil, 2023).

O nosso objetivo geral de pesquisa foi responder duas perguntas principais sobre os sujeitos da EJA: por qual razão voltam e quais os desafios enfrentados para estudar? As respostas apresentamos no segundo capítulo.

Identificamos que os sujeitos da EJA são pessoas, homens e mulheres, de classe social desfavorecida, maioria negros, que deixaram os estudos para trabalhar, para ajudar no sustento da família. Quando adultos buscam a EJA pela necessidade de melhorar as condições de vida e ter um trabalho mais digno.

Em relação aos idosos na EJA, buscam a EJA pela socialização, buscam compartilhar bons momentos de vida, fazer parte de uma comunidade escolar e também para adquirir conhecimentos para melhorar a sua vida no dia a dia: pegar um ônibus, mexer no celular, ler a bíblia, ir ao mercado sozinhos. A escola é onde fazem amizades, encontram amigos, que o

ajudam a sair da solidão, ou apenas para o sonho de ir à escola já que não puderam ir na infância. EJA proporciona aos alunos e alunas a oportunidade de adquirir o conhecimento, descobrir uma coisa nova que não sabiam, pois durante toda vida precisaram deixar os estudos para trabalhar e para ajudar no sustento da família e então só na idade de 60 anos ou mais eles conseguiram finalmente estar em uma sala de aula. Conforme texto de Coura, Eiterer e Soares (2023, p. 292): “Os estudantes ressaltaram a oportunidade de ir à escola como um momento de cuidado terapêutico”.

E os principais desafios que enfrentam para estudar são é que chegam com baixa autoestima, com medo de errar, de fracassar e de não saber algo que vem do histórico que viveram no passado, quando eram crianças. Também existem os conflitos que eles vivem ao dividir a sala da EJA com estudantes mais jovens. Os alunos idosos têm outra cultura, outra visão da escola e ficam desanimados com os problemas que surgem dos conflitos com os mais novos da EJA (Haddad e Di Pierro, 2000). Eles também têm uma experiência de educação de muito tempo atrás e chegam na EJA querendo repetir essa experiência, podem ter mais dificuldades ou vergonha de fazer atividades novas e diferentes. Outro desafio que os idosos enfrentam é as dificuldades no acesso às salas de aula, por questões da infraestrutura. Eles precisam também do apoio da família para chegar até a escola, já que andar longas distâncias ou pegar ônibus para muito longe é mais desgastante para uma pessoa mais velha.

Sobre os mais jovens e negros, os principais desafios enfrentados por eles e elas para estudar são as condições socioeconômica, o racismo dentro da escola, o preconceito e até a indiferença da equipe escolar em resolver o problema. Eles sofrem com a falta de oportunidades na sociedade, falta de oportunidades de trabalho, pois a maioria dos jovens negros vem das periferias e são vistos como “marginais”. O racismo vivido por eles é tão grande que outro desafio é sobreviver à violência da polícia ou à violência nas próprias comunidades e periferias em que vivem. Para esses jovens negros a falta de compromisso deles mesmo com a EJA é um grande desafio também, pois na EJA não tem a mesma cobrança do ensino regular. Outro problema apontado por Gomes e Silva (2018) é a convivência com os idosos que gera conflitos entre eles devido a idade, pois a EJA não está preparada para receber esses jovens, embora a EJA seja um direito de todos. Como último desafio está a qualidade e a metodologia da EJA, os jovens negros acham que o ensino regular é melhor que o ensino recebido na EJA (Gomes e Silva, 2018).

Mesmo diante de tantos desafios, os jovens negros buscam a EJA porque precisam de um trabalho melhor, por conta do racismo esses jovens quase não têm oportunidade de trabalho formal sem um diploma do Ensino Médio, são muito discriminados. Carregam os traumas dos

preconceitos e exclusões desde a infância. Buscam a escola para se fortalecerem, para enfrentar as dificuldades enfrentadas e conseguir ajudar financeiramente às suas famílias. Os jovens negros recorrem a escola pelas “duras condições de vida e de luta pela sobrevivência.” (Gomes e Silva, 2018, p. 124).

Sobre as mulheres, buscam a EJA um dos desafios enfrentados por elas é o machismo que sofrem dos seus companheiros, mesmo com os direitos que as mulheres já têm de estudar ainda assim é difícil receber apoio da parte dos maridos, alguns chegam a brigar e se separar das companheiras para que não estudem (Eiterer, Dias e Costa, 2014). As mulheres também ficam muito cansadas e isso atrapalha os estudos, pois são elas que têm que cuidar da casa, limpar, cozinhar, cuidar dos filhos, às vezes até dos netos. Isso também vem do machismo, de se pensar que a mulher precisa dar conta de tudo sozinha.

Outro desafio que aparece na vida de algumas mulheres para voltar a estudar é o trabalho também. As mulheres da EJA são maioria negras e trabalham como empregadas domésticas (Eiterer, Dias e Costa, 2014). Elas ganham pouco e ainda tem patrões e patroas que não liberam para que possam estudar, isso faz com que desistam da EJA.

Sobre as razões para voltarem para a escola, as mulheres têm sonhos e desejos de se formarem, de darem um futuro melhor para os seus filhos. Elas gostariam de conseguir um trabalho com mais reconhecimento, algumas querem sair do trabalho doméstico (Eiterer, Dias e Costa, 2014). Tudo isso tem a ver com a autonomia, as mulheres querem se desenvolver com independência, fazer as coisas sem depender dos outros, dos companheiros ou das pessoas da família.

Um último resultado da pesquisa foi compreender os desafios enfrentados e as razões para as pessoas surdas voltarem para a EJA, já que o TCC está em um curso de Pedagogia Bilíngue e consideramos importante falar sobre as pessoas surdas. Com o estudo de Caldas (2016) percebemos que os surdos mais velhos não sabem se comunicar em Libras, muitos nunca foram a escola e isso é um grande desafio para a EJA. Outro problema é a falta de apoio por parte da família ouvinte dos surdos para que os surdos frequentem a escola, nem sempre essa família aceita a identidade surda e estimula que estudem. Muitos surdos não sabem também a língua portuguesa escrita e por isso ficam muito isolados e dependentes da família.

Um dos maiores desafios que os surdos enfrentam para estudar é não ter intérpretes nas escolas de EJA ou não ter escolas bilíngues. Sem isso como fica a comunicação com os surdos na EJA? E eles precisam estudar, aprender a Libras e o português para serem incluídos na sociedade. Por isso, uma das principais razões do surdo voltar a estudar é alcançar os seus direitos, direito de ser surdo, direito a sua língua.

De acordo com Caldas (2016) o surdo não pode ficar isolado, sem ter conhecimentos, sempre dependendo da família. Ele precisa ter sua identidade surda reconhecida e respeitada mesmo que a família seja contra. Para o surdo, ir para a escola bilíngue, por exemplo, é a oportunidade de conhecer outros surdos, de viver com a comunidade surda. Ao buscar a escola o surdo também pode se desenvolver, aprender mais e conseguir um trabalho.

Podemos concluir que a EJA é muito importante para a inclusão social das pessoas que não tiveram direito de estudar, para a autonomia e melhoria de vida. Vemos que a vida para as pessoas da EJA foi muito sofrida, cheia de obstáculos, para conseguir o que desejam. Porém essas pessoas entram na EJA e com isso conseguem mudar a realidade vivida por elas, são capazes de aprender a ler, escrever e ter mais dignidade.

Diante de todos os desafios apresentados é preciso políticas públicas que apoiem a EJA, precisa de muito mais apoio e compromisso dos governantes para que possam alcançar muito mais pessoas, pois ainda hoje a taxa de analfabetismo é grande. É necessário políticas para manter os alunos na escola. É necessário que a escola busque alternativas e metodologias que faça com que esses alunos e alunas, que são diferentes e têm objetivos diferentes, se mantenham na sala de aula, queiram continuar os estudos. Além de tudo isso que foi dito é muito importante lutar pela formação de professores, que os e as professoras tanto na formação inicial quanto na formação continuada possam aprender mais sobre a EJA, sobre teorias para a EJA, sobre metodologias para ensinar pessoas adultas e a respeito do perfil dos alunos e alunas da EJA. Sem essa formação, os e as docentes da EJA não tem condições de oferecer um ensino de qualidade para os sujeitos da EJA. Pois é essa qualidade no ensino que também mantém os e as estudantes dentro da escola, mesmo com tantos desafios e dificuldades enfrentadas para estudar.

Novos estudos e temas poderiam dar continuidade a essa minha pesquisa, pois um TCC não é capaz de responder tudo que envolve os sujeitos da EJA. Seria interessante ter investigado outros sujeitos que ficaram de fora: mais pessoas com necessidades específicas, não apenas surdos. Outro assunto que pode ser pesquisado e que eu queria muito ter realizado, mas o tempo foi corrido, e eu espero que alguém possa realizar, é a pesquisa sobre a história de luta dos indígenas para estudarem, temos indígenas na EJA? Como foi que eles buscaram a escola para realizar o desejo de aprender a ler e escrever? Outro assunto que poderia ter sido mais destacado e que espero que mais na frente outras pessoas possam trabalhar é o estudo sobre os professores e as professoras da EJA, saber quais as visões deles a respeito do ensino na EJA? quais os desafios que eles enfrentam? Por que procuraram trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos?.

Espero em um futuro, mas não muito distante poder continuar essa pesquisa em uma pós-graduação, algum curso, ou até mesmo em um mestrado pois não pretendo parar por aqui, quero poder chegar além.

Gostaria de apontar as contribuições que essa pesquisa teve na minha formação como pedagoga. Ao buscar um tema para trabalhar, fiquei um pouco na dúvida: “Será que trabalho um tema voltado para a educação infantil, que também me encanta muito ou busco um tema voltado para a EJA que foi algo que sempre admirei bem antes de entrar na faculdade?” E então optei por pesquisar um tema sobre a EJA. Mas também fruto de muitas dúvidas: “qual tema? Já existem tantos!”. Tive muitas ideias, mas ao final após conversar com minha orientadora eu decidi que seria realizada uma pesquisa sobre os sujeitos da EJA. Esse era meu desejo desde o início, eu queria pesquisar sobre isso, mas prometi “não vou deixar ninguém de fora”, pois ao realizar o estágio na EJA, me encantei com a turma em que fiquei, me encantei com as diferentes pessoas e histórias. Para mim, se fosse possível em um TCC, eu iria pesquisar sobre todos os sujeitos que existem na EJA, inclusive os professores, a gestão, a comunidade em que a escola está. Mas o tempo não dá, não consegui falar de todos. Porém, o pouco que consegui, quero deixar registrado que contribuiu muito para a minha formação. Cada texto lido de uma pesquisa diferente, cada fichamento feito eu aprendia um pouco mais e me encantava ainda mais pela luta da EJA.

Não pensei que seria capaz de realizar esse trabalho que para alguns pode parecer algo comum e possível, mas para mim foi muito importante, muito valioso e contribuiu demais para o meu crescimento. Confesso que não esperava aprender tanto com essa pesquisa, mas me surpreendi, através dos estudos realizados e a cada relato, cada história real contada através dos depoimentos me mostrava o quanto essas pessoas da EJA foram injustiçadas, o quanto sofrem e lutam para terem os seus direitos. Percebi o quanto a educação é importante na vida dessas pessoas e na de todos nós como sociedade, o quanto foi necessário que elas voltassem para escola, porque sem educação estão muito excluídas. Foram muitas crises, choros e reflexões ao ler os relatos dos estudantes, ao assistir ao documentário “Fora de Série”, ao ler as pesquisas. Tantos relatos de vida que mexeram comigo, me fazendo repensar o quanto somos falhos como sociedade, que é muito desigual e injusta.

As reflexões que fiz, tudo o que aprendi com as pesquisas lidas, quero levar comigo para a sala de aula, tratar os alunos e alunas com respeito e dignidade. Isso é o que eles merecem, seus direitos respeitados, acolhimento e inclusão. Aprendi que devemos acolher cada aluno ou aluna que chega a EJA, cada um com sua cor, idade, religião, seu gênero, necessidades, cultura, todos merecem respeito e consideração. Aprendi que meu dever como profissional em

sala de aula é lutar para que os alunos e alunas alcancem o aprendizado, tenham desejo em estar na escola, não somente para aprender ler e escrever, mas para transformarem as suas vidas.

Paulo Freire é um exemplo que quero seguir para ser uma educadora, a trajetória dele inspira muitas pessoas. Com o Paulo Freire, aprendi que a educação deve ser para a liberdade e que não existem saberes mais ou menos e sim saberes diferentes. Aprendi que ao educador cabe mostrar ao educando, que ele possui sum conhecimentos vindos das experiências de vida do trabalho, que ele tem valor.

Termino este TCC desejando aos alunos e alunas da EJA, que eles encontrem apoio para enfrentar os traumas e tantas injustiças vividas ao longo da vida e alcancem seus objetivos pois nunca é tarde para aprender e transformar a vida. Que eles tenham muito sucesso em suas jornadas. Que as pessoas negras conquistem cada vez mais o seu espaço na sociedade, e a sociedade algum dia possa entender que todos somos diferentes, mas merecemos ser tratados com justiça, igualdade, respeito, dignidade e todos tem o direito de viver e aprender independente de quem quer que seja.

Encerro com o seguinte pensamento: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire, 2000 p. 67).

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Sônia Carbonel; BARRETO, Vera; COSTA, C. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA**. Brasília: UNB, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire?**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos, v. 38).

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 07 out. 2024.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Narrativas de professores de surdos sobre a EJA no município de Porto Alegre/RS. **Cadernos de Pesquisa**. Maranhão. 2016. Vol. 23, n. 2 (maio./ago. 2016), p. 46-57, 2016.

COURA, Isamara Grazielle Martins; EITERER, Carmem Lúcia; SOARES, Leôncio José Gomes. A EJA pelo olhar de estudantes idosos: as motivações para estudar nessa fase da vida. **Revista Teias**, v. 24, p. 289-302, 2023.

EITERER, Carmem Lucia; DIAS, Jacqueline; COURA, Marina. **Aspectos da escolarização de mulheres na EJA**. *Perspectiva*, v. 32, n. 1, p. 161-180, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

GOMES, Andressa Cardoso. Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar. **Interagir: Pensando a extensão**, n. 20, p. 1-21, 2015.

GOMES, NILMA LINO; DA SILVA, NATALINO NEVES. Juventude negra na EJA: para além de uma educação compensatória. **Negritudes e africanidades na América Latina e no Caribe**, p. 116, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. In: HADDAD, Sérgio (org.). *O direito à educação: educação de jovens e adultos: uma nova perspectiva*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 51-77.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. O sistema educacional brasileiro. Educação 2023.

LAKATOS, Eva Maria; DE ANDRADE MARCONI, Marina. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. A mulher na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla. **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 441–481.

OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade. **Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1439-1454, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143413> . Acesso em: 07 de abril de 2024.

PORCARO, Rosa Cristina. **Educação de jovens e adultos**: a regulação das políticas educativas no Brasil. 2009. Disponível: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_3509.pdf Acesso em: 07 de agosto de 2024.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na história**: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). In: Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal, RN, 2002.